



A M A N H Ã É D I A D E

P E C A R

"Vaudeville" em 3 atos, original de
JOSÉ WANDERLEY e MÁRIO LAGO.

PRODUÇÃO: Departamento Cultural da
Sociedade Aliança de Hamburgo Velho
- Novo Hamburgo (RS) -

DIREÇÃO: Lourival Pereira

AMANHÃ É DIA DE PECAR

AUTOR: José Wanderley e Mário Lago

Número de personagens: 5 homens e 4 mulheres

Personagens:

Flora - empregada

Wilma - amiga de Solange

Alberto - primo e admirador de Wilma

Solange - amiga de Wilma

Raul - marido de Solange

Américo - marido de Wilma

Napoleão - caseiro de Wilma

Amélia - amante de Napoleão

Dr. Paiva - chefe de polícia

Número de páginas: 52

Número de exemplares: 1

Atos: 3

Tema: Duas amigas fazem uma aposta sobre a fidelidade dos homens, a partir daí surgem os contratempos e as mudanças em suas vidas.

TEATRO DE ARENA : 226-0242
Av. Pernes da Medeiros, 835 — CEP 90010

A M A N H Ã É D I A D E P E C A R

"Vaudeville" em 3 atos, original de
JOSÉ WANDERLEY e MÁRIO LAGO.



PERSONAGENS:

(Por ordem de entrada em cena)

FLORA _____
WILMA _____
ALBERTO _____
SOLANGE _____
RAUL _____
AMÉRICO _____
NAPOLEÃO _____
AMÉLIA _____
DR. PAIVA _____

PRODUÇÃO: Departamento Cultural
da
Sociedade Aliança de Hamburgo Velho
- Novo Hamburgo (RS) -

DIREÇÃO: Lourival Pereira

PRIMEIRO ATOCENÁRIO

LIVING--ROOM ELEGANTÍSSIMO EM CASA DE RAUL BELINI, NUM BAIRRO ELEGANTE DO RIO. - SOBRE UM MÓVEL, UM RETRATO DE RAUL EM POSTO GRANDE.

....(AO LEVANTAR O PAÑO FLORA, UMA CRIADINHA SOFISTICADA, LIMPA / OS MÓVEIS CANTANDO UMA CANÇÃO EM VOGA, DEPARANDO COM O RETRATO DE RAUL, APANHA-O ENTRE AS MÃOS, OLHA-O EMBEVECIDAMENTE, SUSPIRA LANGOROSAMENTE PARA DEPOIS DEPOSITÁ-LO NO MESMO LUGAR. CONTINUA A LIMPEZA. UM TEMPO. CAMPAINHA DA RUA. FLORA ESPERA QUE A CAMPAINHA TOQUE PELA SEGUNDA VEZ PARA ENTÃO ATENDE-LA. SAI. NO INTERIOR).

- FLORA - Ah! é a senhora, dona Wilma?tenha a bondade de entrar . (ENTRAM, WILMA E ALBERTO. SEGUIDO POR FLORA).
- WILMA - (QUERENDO DEMONSTRAR TRANQUILIDADE, QUANDO É VISUAL SEU NERVOSISMO, A FLORA) - Solange está, Flora?
- FLORA - Está arrumando as malas do Dr.Raul. Imagine, dona Wilma, que ele vai amanhã a São Paulo, e ela já começou a preparar a bagagem hoje.
- WILMA - Não admira. Solange só se preocupa com seus problemas / domésticos.
- FLORA - Eu que o diga, dona Wilma. Eu não sei como dona Solange ainda não gastou os dedos de tanto esfregar nas paredes e nos móveis, p'ra vêr se tem sujeira.
- ALBERTO - Assim fazem as boas donas de casa...
- WILMA - Mas Solange as vêzes vai ao exagêro. Só vive para o lar e para o marido.
- ALBERTO - (INTENCIONAL) - E é tão difícil atualmente encontrar uma mulher casada que só viva para o marido, não é Wilma?
- WILMA - (DOMINANDO-SE PARA NÃO SE TRAIR. A FLORA) - Flora, avise Solange que eu estou aqui, sim?
- FLORA - Desculpe, dona Wilma... com a conversa eu até esqueci / disso. Com licença.(SAI).
- WILMA - (APÓS UM TEMPO. FURIOSA) - Eu só quero saber quando é / que você vai deixar de me perseguir. Há uma semana que você não sai dos meus calcanhares. Entrei aqui pensando ficar livre de você, e você, com o maior descaramento, entrou atrás de mim. E logo aqui em casa de Solange, que me considera tanto...
- ALBERTO - Eu serei discreto, mas não a deixarei em paz enquanto / você não romper com essa sua nova aventura.
- WILMA - (NUMA SUPOSTA DIGNIDADE) - Alberto, você já está abusando de minha paciência e do respeito que deve a uma mulher casada!
- ALBERTO - Ora, Você pensa que eu não sei do seu caso com o Lúcio?
- WILMA - Ora, não seja criança. O que passou, passou...

- ALBERTO - Passou para você, que viu no nosso romance apenas um passa tempo; mas não para mim, que me dediquei a você com todo o ardor da minha juventude, dos meus vinte e três anos. É possível que você não se recorde?
- WILMA - Um homem aos 23 anos não deixa recordações na vida de uma mulher. Antes dos 30 anos, meu caro, os homens são amadores em matéria de amor... Não tem o "savoir fair" que enlouquece as mulheres.
- ALBERTO - (POR CONTA) - Pelo visto você ainda não encontrou nenhum homem que tivesse esse "savoir fair" pois muda / de aventuras com uma facilidade... Nem seu marido tem "savoir fair"!
- WILMA - Não fale do Américo, que é o único homem a quem eu amo. Ah se ele não fosse caixeiro viajante...
- ALBERTO - E que tem a profissão de Américo com as suas infidelidades quase que semanais?
- WILMA - É que eu não amo como as outras mulheres, é preciso / que você compreenda, Alberto. Eu tenho fases, crises, acesso de amor. E esses acessos coincidem sempre quando Américo está viajando. Mas meu pensamento está sempre voltado para ele... É por isso que você não serve, que Roberto passou, que Armando não durou uma semana, que Lúcio.....
- ALBERTO - Não vai dizer toda a lista dos seus amantes que eu só disponho de três horas pra ficar ao seu lado.
- WILMA - É por isso que ninguém serve. Só me servirá Américo. O diabo é que ele está sempre viajando...
- ALBERTO - Mas não me negue uma última chance, Wilma.
- WILMA - É inútil, Alberto. O melhor que você faz é desapare---cer para não acabar me prejudicando. Américo última---mente parece andar desconfiado de mim. Se descobre que eu o engano, é capaz de uma loucura e, eu tenho hor---ror a tragédias passionais.
- ALBERTO - Está bem, Wilma... Eu vou-me embora. Mas você há de ser minha novamente pelo cansaço e pela minha persistência. (ESTENDENDO A MÃO) Adeus.
- WILMA - (DANDO A MÃO) - Adeus, Alberto... e procure me esquecer. (ENTRA SOLANGE: DEVE TER 23 A 24 ANOS. TIPO ABSOLUTAMENTE SIMPLÓRIO. PENTRADO BEM "JEUNE FILLE". OCULOS DE GRAU NADA ESPALHAFATOSO, MUITO AO CONTRÁRIO, BEM / DISCRETOS, VESTIDO O MAIS COMEDIDO POSSÍVEL. TUDO NELA DEMONSTRA A DONA DE CASA, A MULHER APENAS PREOCUPADA COM OS PROBLEMAS DOMÉSTICOS, TANTO QUE DURANTE O DIÁLOGO QUE SE SEGUE, ESTÁ SEMPRE PREOCUPADA EM EXAMINAR SE OS MÓVEIS ESTÃO LIMPOS PASSANDO A MÃO EM TODOS ELES, DISCRETAMENTE E FALANDO NUM TOM QUASI MÍSTICO, MAS SEM EXAGÉRO.
- SOLANGE - (MUITO AFETUOSA ABRAÇANDO WILMA) - Oh! querida, desculpe a minha demora, mas eu estava tão ocupada arrumando as coisas do Raul, que me esqueci completamente que você estava aqui. Foi preciso a Flora me avisar novamente. (DURANTE A FALA VAI TROCANDO A DISPOSIÇÃO DE ALGUNS OBJETOS QUE ORNAMENTAM A CENA).
- WILMA - Eu não sou de cerimônia, Solange.

- SOLANGE - Já vai embora, Alberto? (SEMPRE PREOCUPADA COM O ASSEIO DOS ROVEIS).
- ALBERTO - Estava de saída quando você entrou. Vim apenas acompanhar Wilma.
- WILMA - (FORÇANDO A SAÍDA DELE) - E como sabe que nós vamos conversar em particular... (BEM INTENCIONAL) Não é Alberto?
- ALBERTO - (MAL SE CONTENDO) - Exatamente. Passe bem, Solange, meu Deus Wilma (SAI FURIOSO).
- SOLANGE - Parece que seu primo saiu furioso, não?
- WILMA - Claro. Percebeu que aquela história de eu querer falar em particular com você, era pretêxto para mandá-lo embora.
- SOLANGE - (QUE SENTOU E COMEÇOU A COSER O SWETER). - Ele continua / com aquela paixãozinha crônica por você?
- WILMA - E cada vez mais inconveniente. (SENTENCIOSA). Solange... uma mulher casada com um homem que viaja nove meses por ano, precisa ser uma rocha para se manter honesta como eu me mantenho.
- SOLANGE - (SORRINDO) - Mas você em parte é culpada, Wilma. Esse / seu gênio expansivo dá a impressão de uma conquista fácil. Você devia ser mais retraída... pelo menos quando A mérico está viajando.
- WILMA - Acha que eu devia ficar fechada a sete chaves, chorando, enquanto meu marido está solto, fazendo das suas?
- SOLANGE - Não diga uma coisa dessas. Américo é o melhor dos maridos... só pensa em você, só vive para você...
- WILMA - Desde 1830 que não existe mais esse tipo de marido.
- SOLANGE - (PARANDO DE COSTURAR) - Wilma!
- WILMA - É isso mesmo minha filha. Essa raridade atualmente só em museu. Você ainda tem a ingenuidade de acreditar que um marido viva exclusivamente para sua mulher?
- SOLANGE - Em Raul, eu acredito! Eu conheço o marido que tenho.
- WILMA - Não há mulher que conheça o marido, minha filha: Camaleão quando quer fugir do caçador, toma a cor do mato. Marido quando quer enganar a mulher é camaleão. Fica de tôdas as cores.
- SOLANGE - Mas eu sei que o amor que Raul me dedica é sincero. É preciso uma grande paixão para abraçar com o carinho que ele me abraça... para beijar com a suavidade com que ele me beija.
- WILMA - Camaleão, minha filha.
- SOLANGE - (SONHADORA) - A sinceridade, a alegria com que ele beija meus cabelos quando chega da rua... a emoção com que fica acarinhando minhas mãos quando estamos sózinhos... o olhar de ternura respeitosa com que ele me envolve...
- WILMA - Quanta ingenuidade, meu Deus! Marido quando acarinha muito a mulher, ou já fez ou está para fazer.
- SOLANGE - Não adianta, Wilma, porque eu não me deixo contagiar pelo seu pessimismo. Todo marido pode ser camaleão, menos Raul, disso eu tenho certeza.

- WILMA - Mas não teria a coragem de por à prova essa fidelidade olímpica, teria?
- SOLANGE - Mas eu não duvido dele. Não preciso por à prova coisa alguma.
- WILMA - Você não está duvidando, mas eu estou. Não digo que Raul / não gosta de você. Mas garanto que ele não engeita uma a-venturazinha que lhe apareça.
- SOLANGE - Engeita!
- WILMA - Não engeita!
- SOLANGE - Engeita. Eu conheço meu marido.
- WILMA - Não engeita. Eu conheço os homens. Quer fazer uma experiên-
cia?
- SOLANGE - Uma experiência? Mas Wilma...
- WILMA - Qual foi a última festa em que você e Raul estiveram?
- SOLANGE - Na Embaixada do México. Por que?
- WILMA - Ótimo! (BEM PERSUASIVA) Você vai ver como Raul é infiel, como todos os maridos.
- SOLANGE - Que é que você pretende fazer?
- WILMA - A experiência, minha filha. Eu vou escrever uma carta ao Raul como se fôsse uma mulher que o conheceu nessa festa da Embaixada, e ficou perdidamente enamorada dele...
- SOLANGE - Que bobagem, Wilma...
- WILMA - Você tem ou não tem confiança em seu marido? (SOLANGE TEM UM GESTO DE QUE VAI DIZER ALGUMA COISA...HESITA...POR FIM, SAI RÁPIDA PARA O INTERIOR. WILMA, SOZINHA, MEDITA SOBRE O QUE VAI DIZER. DE VEZ EM QUANDO TEM UM "HUM, HUM" DE QUE APROVA O QUE PENSOU. SORRI, BALANÇA A CABEÇA...AO FIM DE ALGUM TEMPO TEM ESTA EXCLAMAÇÃO.) Coitadinha da Solange...
- SOLANGE - (REAPARECENDO) - Pronto, caneta e papel. Pode escrever a carta!
- WILMA - Não tem medo Solange?
- SOLANGE - (ABRAÇANDO O RETRATO DE RAUL COMO SE ABRAÇASSE O MARIDO)- Eu tenho confiança nêsse homem...
- WILMA - Olhe que você está apenas abraçando a fotografia dêsse ho-
mem. (SENTA-SE PARA ESCREVER. ESCREVENDO)-Meu desejado Raul.
- SOLANGE - (ESCANDALIZADINHA) - Meu desejado Raul? Você não acha isso um pouquinho forte, Wilma? Desejado?...Logo assim na pri-
meira linha?
- WILMA - Ele tem que ficar tonto de saída. Como é que você queria que se começasse uma carta de amor?
- SOLANGE - Por uma questão de educação, você devia começar assim :
Prezado Sr.Dr. Raul.
- WILMA - E quem ama lá tem educação, Solange? O gostoso do amor é justamente a inconveniência... (CONTINUA A ESCREVER) E com a alma em desassossêgo e excitada...
- SOLANGE - (PARA SI NÃO CONTENDO O ESPANTO QUE ESSA PALAVRA LHE CAU-
SA) - Excitada? Meu Deus!
- WILMA - (CONTINUANDO...) excitada por três noites de insônia que
lhe escrevo esta carta.



- SOLANGE - Wilma, Raul vai fazer mau juízo dessa mulher!
- WILMA - A maior homenagem que um homem pode prestar a uma mulher é fazer mau juízo dela. (PROSEGUINDO) Desde o baile da Em baixada do México que você transformou a minha vida, tornando-se senhor dos meus sentimentos e sentidos.
- SOLANGE - (PARA SI) - Meu Deus, como é que uma mulher pode escrever uma carta dessas!
- WILMA - (SEMPRE ESCRREVENDO) - Como seria delicioso ter você entre meus braços...desmanchar seus cabelos entre meus dedos...
- SOLANGE - (COMO SE QUIZESSE DETER AQUELE IMPETO DE WILMA)- Wilma!..
- WILMA - (SEMPRE ESCRREVENDO)- Fazer sangrar seus lábios com meus beijos desesperados.
- SOLANGE - (NUM GRITO, COM O PUDOR DE CEM GERAÇÕES A FLOR DA PELE)- Não, Wilma! Assim também é demais. Isso não é amor, é assassinato!(VAI ATÉ A MESA E COMEÇA A LER O QUE WILMA ACABA DE ESCRIVER)-Fazer sangrar seus lábios...(VIRANDO A CARA COM ULTRA PEJO)-Virgem! Não há ninguém que se beije dessa maneira!
- WILMA - (ESPANTADÍSSIMA E COM PENA)- Você e Raul nunca se beijaram assim?
- SOLANGE - Deus me livre! Eu e Raul nos amamos com muito respeito.., eu me sinto muito feliz com um beijo nos olhos...um beijo na testa...e Raul nunca foi além disso.
- WILMA - (COMO ÚNICA RESPOSTA A TAMANHA INGENUIDADE SOLTA UM SUSPIRO PROLONGADO E CONTINUA ESCRREVENDO)-E dizer-se que tudo isso poderia ser realizado . Embarco hoje para S. Paulo, e lá, numa casinha discreta, viveremos nosso sonho de amor. Venha, meu desejado Raul. Quase nem posso mover os braços, tão pesados eles estão das carícias que venho acumulando para você. Meus dedos se recusam a qualquer movimento que não seja para acariciá-lo...meus lábios estão mudos, mortos...esperando que seus beijos venham ressuscitá-los. Venha Raul. Venha para ser em meus braços o homem mais feliz do mundo!...
- SOLANGE - (EXPLODINDO)- Chega, Wilma!...(É TÃO VIOLENTA SUA EXPLOSAO QUE WILMA PARA ATONITA.PAUSA, NUMA BRUSCA TRANSIÇÃO)- Assim ele vai!...
- WILMA - E é para ir mesmo. Diante de uma carta dessas, minha filha, duvido que haja marido que não seja camalião. (ESCRREVENDO)-Agora...o endereço bem legível para ele não fazer confusão:(ESCRREVENDO) "Vila dos Amores", Jardim América, 1020.
- SOLANGE - "Vila dos Amores"?
- WILMA - É uma casa em São Paulo onde eu costumo veraneiar. Presente de Américo no dia do nosso casamento. (OUTRO TOM)-Agora era uma vez um marido modelo. (PÕE A CARTA NO ENVELOPE, SUBSCRITANDO) Dr.Raul (A SOLANGE) No envelope é que bota o Dr.Raul, ouviu Solange?(CONCLUINDO) Belini...Nesta. E agora para concluir, minha querida, vá colocar esta carta entre a correspondência de seu marido...e vejamos como ele reage. (SOLANGE VACILA)-Está com medo, Solange?

- SOLANGE - (RESOLUTA, APANHANDO A CARTA)- Você vai ver que nem os seus beijos assassinos farão Raul perder a cabeça (SAI EM SEGUIDA, VOZ DE RAUL NO INTERIOR).
- RAUL - (NO INTERIOR)-Solange!...Solange!(E SURGE À ENTRADA, DENOTANDO UMA GRANDE ALEGRIA) Solange! (PARA AO VER A WILMA) Como vai, Wilma? Onde está Solange?
- SOLANGE - (APARECENDO) - Aqui, meu querido!...(E CORRE PARA SEUS BRAÇOS. TODA A CENA DE AMOR ENTRE OS DOIS É FEITA NUM CLIMA DE PROFUNDO RESPEITO, BEIJOS NOS OLHOS NA TESTA NOS CABELOS, AFAGOS NA MÃO, APÓS ESSAS MANIFESTAÇÕES DE AMOR, SOLANGE TEM UM SUSPIRO, O MAIS PURO POSSÍVEL, E DEPOIS UM SORRISO DE TRIUNFO PARA WILMA, QUE ACHA A CENA PROFUNDAMENTE RIDÍCULA).
- RAUL - Tenho uma grande notícia para você, minha querida.
- SOLANGE - É?
- RAUL - (GRITANDO PARA O INTERIOR) - Flora!Flora!
- FLORA - (DO INTERIOR) - Pronto, doutor!
- RAUL - Pode desarrumar a minha mala e guardar tudo na gaveta outra vez!
- FLORA - (SEMPRE NO INTERIOR) - Sim senhor.
- SOLANGE - (CONTENTÍSSIMA PORQUE ADIVINHOU) -Querido, será que...
- RAUL - (ABRAÇANDO-A TERNAMENTE) - Exatamente querida....Não vou mais a S.Paulo.
- SOLANGE - Oh, Raul, que bom! (E NOVAMENTE HÁ UMA CENA DE BEIJOS E CARÍCIAS RESPEITOSAS).
- RAUL - (APÓS. LEMBRANDO-SE DE WILMA()) -Oh Wilma, você desculpe essas expressões. Mas há duas horas que eu estava longe desta mulhersinha...
- WILMA - (MUITO IRONICA, MAS SORRINDO) - À vontade...Eu acho lindo um marido que beija a mulher na testa, nos olhos... nos cabelos...
- SOLANGE - Mas como foi isso, meu bem?
- RAUL - O maior sacrifício para mim é ficar longe de você por pouco que seja. Quanto mais dois dias. Por isso preferi não fechar o negócio a ir a S.Paulo.
- SOLANGE - Você é um amor!
- RAUL - Agora vou ao escritório passar uma vista na correspondência. Depois, o resto do dia será consagrado a você. Fijama...chinelo...
- SOLANGE - O capítulo da novela hoje deve ser formidável. É o último.
- RAUL - Novela...e nada para perturbar o nosso sossego.
- WILMA - Isso é um modo delicado de me mandar embora?
- RAUL - Ora, Wilma! Você é quase de casa.)A SOLANGE, ACARICIAN: DO-LHE O QUEIXO).Um momentinho, querida...eu não me demoro.(SAI PELA MESMA POR POR ONDE SOLANGE SAIU COM A CARTA).

- SOLANGE - (APOS UM SILENCIO, TRIUNFANTE) - Então, Wilma? Você acha que um maridinho dêesses engana a sua mulherzinha?
- WILMA - Antes dêle ler a carta eu não digo nada, minha filha.
- SOLANGE - Você viu com que amor êle recebia meus beijos?
- WILMA - Francamente...eu não compreendo como é que você se ama e se beijam dessa maneira...sem nenhuma vibração...Seja sincera, Solange: você sente alguma coisa quando Raul lhe beija a testa, os cabelos...
- SOLANGE - Sinto.
- WILMA - O que?
- SOLANGE - (QUASE MÍSTICA) - uma paz interior!...
- WILMA - Mas amor não é paz, minha filha. Amor é guerra, é luta, é movimento. (CAMPAINHA DA PORTA).
- SOLANGE - Cada um ama como sabe, Wilma...Nossa felicidade está nessa paz, na delicadeza com que nos amamos. (FLORA ATRAVESSA A CENA E SAI PELA PORTA QUE DÁ PARA O EXTERIOR). Para mim não há nada que se compare a êsse beijo na testa que Raul me dá quando sai e quando volta... (FLORA RETORNA DANDO PASSAGEM A AMÉRICO).
- FLORA - (DA PORTA) - Tenha a bondade, seu Américo. (ENTRA AMÉRICO, IDADE INDEFINIDA. SUA CONSTANTE PREOCUPAÇÃO É ENCONTRAR UMA PROVA DE QUE WILMA O ENGANA. FLORA SAI).
- AMÉRICO - Bom dia, Solange.
- SOLANGE - Bom dia, Américo. Que agradável surpresa! Não esperava encontrar Wilma aqui, não é?
- AMÉRICO - (DESCONFIADO) - Realmente...Ela me disse que ia ao dentista. Eu estranhei muito êsse dentista às nove horas da manhã. Em todo caso...
- WILMA - Ora, você sempre com as suas desconfianças! O dentista marcou a essa hora, que é que eu ia fazer?
- AMÉRICO - E depois do dentista? Veio diretamente para aqui?
- WILMA - Claro, Américo!
- AMÉRICO - Sòzinha?
- WILMA - Sòzinha.
- AMÉRICO - Ah! Um dos dois está mentindo. Você ou Alberto.
- WILMA - Alberto?
- AMÉRICO - Pelo menos há pouco êle me disse que estava passeando com você e que havia deixado você aqui.
- WILMA - Ah! é verdade.
- AMÉRICO - Mas você não disse quando eu perguntei. Logo, quem mentiu foi você (A PARTE) Que ela me engana, me engana. Só falta va a prova... (TOM) Quer dizer que você esteve passeando, com o Alberto, não é? Passeando!!
- WILMA - Oh! Américo! Lembre-se que não estamos em casa para você fazer das suas cenas.
- AMÉRICO - Se você dissesse sempre a verdade quando eu lhe pergunto as coisas, estava livre dessas cenas (TOM) Desculpe, Solange.
- SOLANGE - Vocês estão em casa, podem discutir à vontade. Apenas não compreendo essas desconfianças, Américo.



- AMÉRICO - Tem razão, Solange...
- SOLANGE - Esse ciúme chega a ser uma ofensa à mulher.
- AMÉRICO - Eu gei, mas... nove meses longe de mim... sujeita às tenta-
tações...
- WILMA - Vai recomeçar?
- SOLANGE - O melhor que vocês têm a fazer, é se abraçarem e fazerem
as pazes. Você gosta de Wilma.
- WILMA - Eu tenho loucura por ele...(ABRAÇA AMÉRICO COM MUITO CA-
RINHO).
- SOLANGE - Está vendo, Américo?
- AMÉRICO - É...tem razão.(TAMBÉM ABRAÇA WILMA. DEPOIS ELA DESGARRA
DO BRAÇO. À PARTE)- Mas que ela me engana, me engana.Só
falta a prova.
- SOLANGE - Porque vocês não imitam o nosso exemplo? Entre mim e Ra-
ul nunca houve um minuto de desconfiança. Vivemos um pa-
ra o outro.
- WILMA - (SORRINDO) - Como é bom a gente viver iludida!...
- SOLANGE - E você acaba de ter uma prova disso, Wilma. Raul, para
não ficar longe de mim dois dias, mandou um bom negócio
às favas, desistindo de ir a São Paulo. Foi ou não foi?
- WILMA - Realmente.
- AMÉRICO - É...hoje em dia um marido perde um bom negócio para fi-
car ao lado da esposa. É coisa rara.
- SOLANGE - Mas Raul faz isso todo o dia. Não há nada que o separe
de mim.
- RAUL - (ENTRANDO EUFÓRICO, POIS ACABOU DE LER A CARTA) - Querida,
mande arrumar novamente a minha mala, que eu preciso
ir a São Paulo.(NO ROSTO DE SOLANGE HÁ UMA DECEPÇÃO
...NO DE WILMA, UM SORRISO DE TRIUNFO. Américo não sabe
o que houve antes, mantém-se indiferente).
- SOLANGE - (ATURDIDA) - Ir a São Paulo?...Mas querido...você não
disse que tinha desistido desse negócio?
- RAUL - Disse querida...Mas é um bom negócio, eu não posso per-
der.
- SOLANGE - Você tão firme na disposição de não fazer essa viagem...
- RAUL - Pois é...Mas fui ao escritório...refleti melhor...e vi
que uma oportunidade dessas não aparece todo dia.
- SOLANGE - (PARA SI NO MAIOR DESENCANTO DO MUNDO)- Meu Deus!(COME-
ÇA A CHORAR BAIXINHO).
- WILMA - (ENVOLVENDO SOLANGE NUM ABRAÇO E BEM INTENCIONAL DENTRO
DE SUA BONDADÉ) - Eu não lhe disse, Solange, que todos
os homens dão maior valor a um negócio do que às espô-
sas? A prova disso está na alegria com que Raul veio do
escritório. Gosta de você...não pode separar-se de você
...mas ficou contente por ter um bom negócio em São Pau-
lo(SUSTO DE RAUL. SOLANGE SEM ARGUMENTOS, E CHOROSA,
VAI A SAIR).
- RAUL - Onde vai, querida?
- SOLANGE - (Chorando) - Preparar sua mala pra você não perder o ne-
gócio.(E SAI CHORANDO FORTEMENTE).
- RAUL - (ENTERNECIDO) - É uma criança grande!...Wilma, por fa-
vor, vá consolar Solange. São apenas dois dias!

- WILMA - (CANALHAMENTE COMPRENSIVA) - Está bem Raul. Eu procurarei convencê-la de que são dois dias apenas...e de que nada acontecerá nesses dois dias! (SAI).
- AMÉRICO - (MENEANDO A CABEÇA) - Seu Raul, se eu tivesse uma mulher que chorasse cinco minutos por mim, eu era o homem mais feliz do mundo. Wilma nunca chora quando eu viajo, eu quando viajo, é por nove meses.
- RAUL - Pois eu preferia que Solange não chorasse. Isso um remorso!
- AMÉRICO - Tolice!...Então alguém tem remorso de realizar um bom negócio?
- RAUL - (CONFIDENCIAL MAS CANALHINHA) - É que o negócio que eu tenho, seu Américo, é uma mulher que deve ser um espetáculo. Ela está à minha espera em São Paulo.
- AMÉRICO - (ESPANTADÍSSIMO)- Não me diga, seu Raul! E você vai a São Paulo especialmente para se encontrar com essa mulher?
- RAUL - Que é que você quer que eu faça? Foi lá que ela marcou o encontro.
- AMÉRICO - Palavra de honra, Raul, que eu seria capaz de jurar que você ama a sua mulher.
- RAUL - E quem disse a você que eu não amo? Eu adoro Solange.
- AMÉRICO - E vai enganá-la?
- RAUL - Isso é outro negócio. Solange é a esposa, a mulher sagrada, aquela a quem se ama com respeito, junto da qual os pensamentos ficam puros, os beijos honestos, as carícias inocentes...A esposa representa sempre um descanso na vida do marido...mas descansar muito acaba cansando, não é?
- AMÉRICO - Ome, eu não sei. Eu viajo nove meses por ano, fico tão pouco tempo perto de minha esposa.
- RAUL - Por mais que um casal se ame, há momentos em que o marido e a mulher viram irmãos de criação, de tão acostumados que estão um com o outro. E o homem, precisa então de alguma coisa excitante, canalha, para tornar a achar encanto, depois naquela placidez, naquela pureza que só o amor conjugal oferece. É por isso que às vezes eu engano Solange. E estou num desses momentos, Américo; preciso de um derivativo dessa espécie, para depois encontrar alegria no amor tranquilo de Solange...naqueles beijos que eu lhe dou nos cabelos, na testa, nos olhos...os únicos que uma esposa conhece e admite, e o marido tem coragem de oferecer, pelo respeito que ela lhe oferece, e merece.
- AMÉRICO - Então essa mulher caiu do céu?
- RAUL - Exatamente. É como se eu estivesse atacado do fígado e um farmacêutico batesse à minha porta, muito gentil: "O Senhor está precisando de uma injeçãozinha de necroton?".
- AMÉRICO - (ENTRE CARGALHADAS) - Você é formidável, Raul!(OT) E Solange nunca desconfiou desses seus descansos?
- RAUL - Solangenão conhece a maldade do mundo. Como não concebe a idéia de me enganar, não imagina que possa ser enganada por mim.
- AMÉRICO - (INTERESSADO) - Você tem uma sorte danada!...Como é que você conheceu essa mulher?

- RAUL - Eu ainda não a conheço...
- AMÉRICO - Não a conhece? Como pode ser isso?
- RAUL - Ora como pode ser isso! Escreveu-me dizendo-se apaixonada por mim e me marcando um encontro em São Paulo.
- AMÉRICO - Ora, Raul!...Vai querer me convencer de que você é galã de cinema para as mulheres se apaixonarem a primeira vista? Confesse: Você a encontrou na rua...deu em cima...tem uma boa conversa...Ela aderiu...
- RAUL - Palavra de honra que eu não a conheço. Ela diz que me viu no baile da Embaixada do México...e me oferece um mundo de felicidades. A tal aventura excitante, canalha. Para isso marcou-me um encontro...
- AMÉRICO - Aqui no Rio?
- RAUL - Em São Paulo.(PASSANDO OS OLHOS PELA CARTA) Na "Vila dos Amores" no Jardim América, 1020.
- AMÉRICO - (NO AUGUE DA CURIOSIDADE)-Na "Vila dos Amores"?1020?!!! Está aí na carta?Deixe ver.(PASSA A VISTA NA CARTA)(DESOLADO)A prova de que ela me engana!(NUM SUSPIRO DE ABATIMENTO) É...Infelizmente sou....
- RAUL - É o que?
- AMÉRICO - Um idiota. Um perfeito idiota duvidando da história que você me contou.(NOUTRO TOM) Você está mesmo resolvido a ir a esse encontro?
- RAUL - Claro que estou. Uma oportunidade dessas não se perde.
- AMÉRICO - (TENTANDO CONVENCER RAUL A DESISTIR)- Quem sabe se isso não é alguma pilhéria...Alguma mulher quer se divertir à sua custa...
- RAUL - Não custa nada arriscar...As vezes por uma pequena indecisão a gente perde uma boa mulher...
- AMÉRICO - E você acha que Solange merece que você a engane de maneira tão miserável?
- RAUL - Que é que você quer que eu faça? Eu estou naquela fase.Solange atualmente é minha irmã.
- AMÉRICO - Mesmo assim você deve reagir. Fazer um sacrifício em homenagem à sua mulher. Afinal de contas o amor de irmão também é muito bonito, muito digno. Somos irmãos desde Adão e Eva.
- RAUL - É...mas não pode ser, não. Essa carta buliu com o meu sistema nervoso e eu vou, suceda o que suceder.
- AMÉRICO - (SEMPRE PROCURANDO ARGUMENTAR PARA RAUL DESISTIR) - Mas você já pensou que esta criatura pode ser uma mulher casada, feliz com o marido....
- RAUL - Isso eu garanto que não é, seu Américo. Mulher feliz com o marido não escreve uma carta dessas. Se escreve é porque o marido deve ser um perfeito imbecil.
- AMÉRICO - (EXPLODINDO)- Assim também é demais!...
- RAUL - (SURPRESO DIANTE DA INDIGNAÇÃO DE AMÉRICO) - Que foi, Américo?
- AMÉRICO - É que eu não concordo de maneira alguma, que você chame o marido dessa mulher de imbecil!....



- RAUL - Ora, seu Américo, vamos deixar de bobagens...
- AMÉRICO - (CONTROLANDO-SE MUITO DIGNO) - Bobagem não. Estou defendendo a dignidade de um lar. Suponhamos que essa mulher seja honesta e que esse seja o seu primeiro passo em falso.
- RAUL - Primeiro passo? Mulher que escreve essas coisas já correu maratona!
- AMÉRICO - E você já pensou que, de um momento para outro, o marido dessa mulher pode aparecer e transformar essa aventura, numa tragédia?
- RAUL - Afinal, você é meu amigo, ou amigo do marido dessa mulher?
- AMÉRICO - Sou seu amigo, por isso estou lhe abrindo os olhos.
- RAUL - E é bom, porque eu quero estar com os olhos bem abertos para ver essa mulher... Para devorá-la com os olhos...
- AMÉRICO - Quer dizer que não adiantou nada eu falar? Você vai de qualquer maneira?
- RAUL - Vou.
- AMÉRICO - (INDIGNADO) - Então vá! Desgrace um lar! Arruine a sua vida! E mate Solange de desgosto!
- RAUL - (RINDO) - Ora, vamos deixar de drama! Eu vou... passo um dia delicioso nos braços dela... e não vai me acontecer nada. (CANALHINHA) Depois eu lhe conto todos os detalhes do nosso encontro.
- AMÉRICO - Dessa entrevista eu não quero saber de nada. Muito menos dos detalhes. (E ENTRAM SOLANGE E WILMA. AMÉRICO VENDENDO WILMA) A infeliz!
- SOLANGE - (INCAPAZ DE ENCARAR RAUL) - Sua mala já está pronta. É bom você ver se falta alguma coisa.
- RAUL - (INDO A ELA E A ABRAÇANDO) - E você já está mais calma? ... Você sabe que essa viagem representa um sacrifício para seu marido.
- SOLANGE - Sei. E que sacrifício!
- RAUL - Juro a você que durante o tempo todo que estiver em São Paulo não ficarei um só minuto sem pensar em você.
- SOLANGE - (VEEMENTE MAS SEM BRIGA) - Não! ... Eu lhe agradeço imensamente se você não pensar em mim.
- WILMA - (BONDADE HIPÓCRITA) - Que é isso Solange? Você falando assim, seu marido é até capaz de desistir do negócio.
- RAUL - (NUM IMPETO) - Não desisto, não. (DIANTE DO ESPANTO DE SOLANGE E WILMA EMENDANDO) - Não posso desistir... você compreende, Solange, é o nosso futuro que está em jogo.
- SOLANGE - (BAIXO A WILMA) - Nunca pensei que Raul fôsse tão cínico, tão baixo.
- WILMA - (IDEM A SOLANGE) - É homem, minha filha. Eu não disse que ele era camaleão igual aos outros?
- SOLANGE - Quando nós nos casamos, ele aos pés do padre, jurou fidelidade eterna. Agora é o que está se vendo.
- WILMA - É... aos pés do padre eles juram tudo. O diabo é quando chegam aos nossos pés...

- AMÉRICO - (ENQUANTO AS DUAS CONTRACENAM, BAIXO A RAUL) - Seu Raul, eu conheço mulher. Solange está desconfiada...
- RAUL - Tolicel! Solange acredita em mim como se acredita num Deus.
- AMÉRICO - Você não reparou nos olhares desconfiados que ela lhe lançou? As frases cheias de reticências que disse? Aquilo é desconfiança.
- RAUL - Você está vendo fantasmas, Américo.
- AMÉRICO - (O QUE LHE INTERESSA É QUE RAUL NÃO VÁ COM MEDO DE SER / TRAIIDO. PORTANTO, SUA ARGUMENTAÇÃO É BEM SENTIDA, INTERESSADA) - Pela última vez, Raul: desista desse encontro. É mais uma mulher que você vai conhecer, é verdade...mas e que prejuízo você terá com isso? Você tem Solange... tem as outras aventuras... Quem sabe se esse marido não tem apenas essa mulher?
- RAUL - Quem é burro pede a Deus que o mate e ao Diabo que o carregue.
- AMÉRICO - (FURIOSO ALTO) - Burro, não! Infeliz!
- WILMA - (ESPANTADA) - Que é isso, Américo?
- AMÉRICO - (AINDA NA EMBALAGEM) - É que não há meio de eu convencer esse cabeçudo a desistir do negócio que tem em São Paulo para ficar ao lado de sua mulherzinha. Não é Solange?
- SOLANGE - (AMARGA) - Não...eu acho que ele deve ir, Américo. É o nosso futuro que está em jogo.
- AMÉRICO - (NUM IMPETO) - Você também está contra mim?
- WILMA - Contra você porque meu bem?
- AMÉRICO - (MEIO ATRAPALHADO PARA EXPLICAR) - É que eu...estou defendendo um ponto de vista que favorece Solange... e ela fica ao lado do marido.
- SOLANGE - Nunca se deve perder um bom negócio que nos cai às mãos.
- RAUL - Está vendo, Américo? Eu vou com o consentimento de minha mulherzinha.
- AMÉRICO - (A PARTE) - Esse desgraçado tem uma sorte! Até para essas coisas a mulher concorda com ele!
- RAUL - Negócios são negócios, não é, meu bem? Principalmente um negócio igual a esse...que apareceu inesperadamente...em que eu tenho tôdas as vantagens...
- SOLANGE - Mas afinal, Raul, que negócio é esse que deixou você tão entusiasmado?
- RAUL - (QUERENDO EXPLICAR SEM ENCONTRAR AS PALAVRAS) - Ahn...Ahn... (DERRELENTE) - Bem, querida, eu vou ver se a mala está em ordem. (E SAI) (SOLANGE FICA COMPLETAMENTE ABATIDA).
- AMÉRICO - Mas Raul... (E VAI A SAIR).
- WILMA - Onde é que você vai, Américo?
- AMÉRICO - VER SE CONVENÇO AQUELE desgraçado a não ir à São Paulo. Esse negócio pode dar até falecimento.
- WILMA - (ESPANTADA) - Falecimento?
- AMÉRICO - (AFOBADO) - Falência...eu queria dizer falência. (E SAI. WILMA, VENDO O ABATIMENTO DE SOLANGE, VAI ATÉ ELA, PASSA -LHE O BRAÇO PELO OMBRO, COMO QUERENDO CONSOLÁ-LA).
- SOLANGE - (AMARGA, DE AGRESSIVIDADE) - Você é uma miserável, Wilma!

- WILMA - Porque lhe disse a verdade? Então, o que será seu marido, que está mentindo?
- SOLANGE - Você é uma miserável porque me abriu os olhos para a realidade. Eu era feliz na minha ignorância. Raul era um Deus para mim... e você me mostrou que ele tem pés de barro...
- WILMA - E você não me agradece esse favor? Mostrei que sou sua amiga. Agora você sabe que seu marido é um homem igual aos outros, capaz de enganá-la, como todos.
- SOLANGE - (PARA SI PRÓPRIA) - Capaz de enganar-me... (NUMA DERRADEIRA ESPERANÇA) - Mas será que ele vai a São Paulo por causa daquela carta? Não sei... ele tinha realmente um negócio, para resolver em São Paulo... (PROCURA DESESPERADAMENTE PALAVRAS QUE NÃO LHE OCORREM).
- WILMA - Mas isso é muito fácil, nós saberemos.
- SOLANGE - Como?
- WILMA - Amanhã eu estarei em São Paulo, na casinha discreta, esperando a visita do marido modelo que vai se desmoralizar.
- SOLANGE - (ENTRE ESPANTADA E ASSUSTADA) - Você vai a São Paulo?
- WILMA - Sim. Américo embarca hoje as sete horas para Espírito Santo, de sete horas em diante eu já estou livre para embarcar para São Paulo. (ENTRAM AMÉRICO E RAUL).
- RAUL - (VINDO A SOLANGE, MUITO AMOROSO) - Você é o modelo das esposas, querida. Não esquece de botar coisa alguma na mala. Até aquele pijama de seda novo que eu estava louco para estrear. Você tem cada lembrança!
- WILMA - Então, Américo? Conseguiu convencer esse cabeçudo a desistir da viagem?
- AMÉRICO - Consegui nada. Foi pior a emenda que o soneto. Resolveu abreviar a viagem.
- RAUL - É verdade querida. Eu ia embarcar amanhã de avião, mas resolvi seguir hoje no noturno das dez.
- SOLANGE - Hoje?!
- RAUL - Time is money, querida. Quanto mais depressa eu chegar a São Paulo, melhor poderei me dedicar ao negócio.
- AMÉRICO - Bem, Wilma... vamos chegando que você tem que preparar a minha mala que eu vou no avião das sete para Vitória.
- WILMA - Quer que eu ponha também um pijama de seda?
- AMÉRICO - Quem sou eu para resolver negócios com pijama de seda?
- WILMA - (DESPEDINDO-SE DE SOLANGE) - Querida, até mais tarde. (INTENCIONAL) E não vá morrer de saudades do Raul.
- SOLANGE - (AMARGA) - Felicidades, Wilma.
- AMÉRICO - Até a volta, Solange... Lá vou eu para os meus novos meses de Via Sacra...
- SOLANGE - Boa viagem, Américo
- RAUL - Eu levo vocês até lá embaixo. (WILMA, AMÉRICO E RAUL SAEM. SOLANGE SE MANTÉM EM CENA UM INSTANTE. ATURDIDA PELOS SEUS PENSAMENTOS QUE CHEGAM AO CONHECIMENTO DO PÚBLICO, ATRAVÉS DE UM BALBUÇIO, QUE DEVE SER PERCEBIDO).

SOLANGE - (BALBUCIANDO SEU PENSAMENTO) - Eles vão no mesmo trem...
 estarão juntos em São Paulo... Juntos em São Paulo... (PA-
 RA UM INSTANTE. DE REPENTE DÁ UMA CORRIDA ATE A PORTA DE
 SAIDA. PARA. FECHA A PORTA E VOLTA BALBUCIANDO(). O ele-
 vador já desceu... (COMEÇA A PASSEAR LENTAMENTE. E REPETIN-
 DO-Juntos em São Paulo... juntos... (SUBITO SE ENCAMINHA
 RÁPIDAMENTE PARA O TELEFONE. DISCA. PAUSA. DEPOIS DA PAU-
 SA)-De onde fala?(PAUSA) Tenha a bondade de me informar
 a que horas parte o último avião para São Paulo?(PAUSA)
 Uma hora?(PAUSA) Eu queria que os senhores reservassem
 uma passagem nesse avião. É possível?(PAUSA) Muito obri-
 gada (PAUSA) Muito obrigada...(CHORANDO()) Muito Obrigada.
 (E O PANO VAI DESCENDO LENTAMENTE SOBRE O)

F I M D O P R I M E I R O A T O

A
SEGUNDO ATO

CENA SALA NA CASA DE WILMA, EM SÃO PAULO. NÃO É UMA CONSTRUÇÃO MODERNA. DATA, TALVEZ, DE 1920. AO FUNDO TRÊS PORTAS COM AS RESPECTIVAS BANDEIRAS. A ESQUERDA UM ARCO, QUE DÁ ACESSO AOS QUE VEEM DA RUA. A DIREITA UMA PORTA, TAMBÉM COM BANDEIRA, QUE LEVA AO INTERIOR DA CASA. MÓVEIS A CRITÉRIO DA DIREÇÃO. OBRIGATÓRIO APENAS UM DIVAN. AO PÉ DO QUAL HÁ UM ABAT-JOUR, UM TELEFONE E UMA ORTOFÔNICA, QUE ESTÁ EXECUTANDO UM SAMBA.

AO LEVANTAR O PANO A CENA ESTÁ DESERTA APÓS UM TEMPO ENTRA NAPOLEÃO EM PURRANDO UM CARRINHO COM UMA BATERIA COMPLETA DE BEBIDAS: INCLUSIVE UM BALDE COM CHAMPANHE. ENTRA AMÉLIA. VINDO DA RUA, NÃO É PRESENTIDA E PÉ-ANTE-PÉ APROXIMA-SE DE NAPOLEÃO DANDO-LHE UM BEIJO NA NUCA.

NAPOLEÃO - (NUM SUSTO) Amélia! Você aqui!?

AMÉLIA - Aproveitei que meu marido precisou sair e vim.

NAPOLEÃO - (INDO DESLIGAR A VITROLA) Mas eu não lhe disse pelo telefone que hoje não podia ser ?

AMÉLIA - Foi por isso mesmo que eu vim. De uns tempos para cá, você não faz outra coisa que não seja dizer: "Hoje não pode ser!... Hoje não podia ser!..."

NAPOLEÃO - Mas que é que você quer que eu faça, se a patroa chegou hoje de manhã inesperadamente ?

AMÉLIA - Esse negócio de patroa é desculpa de mau pagador. Seja homem!... Confesse logo que tem uma outra e que precisa de campo livre para se encontrar aqui com ela...

NAPOLEÃO - (COMEÇANDO A SE IMPACIENTAR) Que mania tem você de complicar sempre a nossa vida.

AMÉLIA - Você é que complicou a minha vida. Eu era uma mulher honesta... vivia, para meu lar... para meu marido. Você começou a me meter coisas na cabeça... a dizer palavras bonitas ao meu ouvido... e eu caí como uma idiota... Agora quer me botar de lado como uma coisa inútil. Mas isso não vai ficar assim, não. Eu vou até o escândalo para não ceder o meu lugar a outra...

NAPOLEÃO - (CADA VEZ MAIS IMPACIENTE) Que outra, Amélia, que outra ?

AMÉLIA - (MOSTRANDO O BALDE COM A CHAMPANHE) Essa mulher que vai tomar champanhe com você. Eu nunca tive direito a essas regalias. Para mim você dizia sempre que só havia cerveja na geladeira.

NAPOLEÃO - O champanhe é para a patroa. Que inferno!

- AMÉLIA - E quer me convencer que ela vai tomar champahe com você ?
- NAPOLEÃO - Não é contigo, Amélia, a patroa está esperando um cavalheiro. Esse champahe é para ela e esse cavalheiro. Depois d'êla chegar eu vou dar um jeito de sair fora para me encontrar com você. *Este bem ?*
- AMÉLIA - Não. Não há nada que me faça sair daqui para dizer umas verdades a essa outra. Era só o que faltava. Eu enganar meu marido, que se adora... e você a me enganar com outra! Não, Napoleão. *Isso não é que tenho o direito de enganar. Eu não sou mulher que se põe de lado!*
- NAPOLEÃO - (JÁ ENTRE DENTES) E quem é que está pondo você de lado?
- AMÉLIA - Você está me pondo na rua, que é muito pior!
- NAPOLEÃO - (SACUDINDO-A PELOS OMBROS) É porque hoje você não pode ficar aqui. E vá dando o fora antes que eu perca a paciência e... (FAZ GESTO DE BATER).
- AMÉLIA - (ABRINDO NO ESCÂNDALO) Bata! Pode me bater. Bata. Bata! Bata!
- NAPOLEÃO - (DEIXANDO DE SACUDI-LA) É isso que você quer, mas hoje eu não estou com vontade.
- AMÉLIA - Eu já vi que hoje você não está com vontade de nada comigo. (CRESCENDO) Covarde. Miserável. Miserável. (SOCANDO-LHE O PEITO) Sem vergonha. Traidor. Bate, bate, numa indefeiza mulher, infeliz! (ATRAÍDA PELOS GRIOTOS DE AMÉLIA, ENTRA WILMA VINDO DO QUARTO DO CENTRO, VESTINDO UM LIGEIRO PEGNOIR).
- WILMA - Que escândalo é esse, Napoleão.
- NAPOLEÃO - (A PARTE) A patroa... (CONFUSO A WILMA) Eu explico, dona Wilma...
- AMÉLIA - Você não vai explicar coisa nenhuma. Eu é que vou me entender com ela!
- WILMA - Que audácia.
- AMÉLIA - Audácia é a sua querendo roubar um homem que não lhe pertence.
- WILMA - Napoleão, ponha esta mulher na rua.
- AMÉLIA - Mulher não, que eu sou uma senhora casada e honesta. Quem é você pra me botar pra fora ?
- WILMA - Sou a dona da casa.
- AMÉLIA - Dona da casa coisa nenhuma. Eu quando estou aqui tam bém costume dizer que sou dona.
- WILMA - Napoleão, ponha esta mulher na rua antes que eu perca a paciência.
- AMÉLIA - (QUERENDO BRIGA) Que é ? Que é ? Quer me bater também?
- NAPOLEÃO - (NUM APÊLO) É melhor você ir embora, Amélia. Não está vendo que eu posso perder o emprêgo por sua causa?
- AMÉLIA - Está bem. Eu vou embora. (APONTANDO PARA WILMA) Mas não é por sua causa... (APONTANDO NAPOLEÃO) Nem por causa de seu emprêgo. Eu vou porque preciso contar tudo a meu marido.

- NAPOLEÃO - Amélia, seja razoável.
- AMÉLIA - Vou contar que você anda me perseguindo, querendo me desencaminhar, me difamando... Vou fazer sua caveira. E você sabe que meu marido é uma fera!...
- NAPOLEÃO - (FORA DE SI, EMPURRANDO PARA FORA DE CENA) Não se preocupe, não vá, Faça o que quiser que eu já estou farto das suas ameaças.
- AMÉLIA - (SAINDO EMPURRADA) Não me empurre que eu não sou mulher para ser empurrada.
- NAPOLEÃO - (COMPLETAMENTE DESCONTROLADO) Você não perde por esperar, sua transviada.
- AMÉLIA - (NOS BASTIDORES) Transviado é você seu gigolô... (WILMA VAI ATÉ A PORTA POR ONDE OS DOIS SAIRAM: OLHA LIGEIRAMENTE NO L JUSTO MOMENTO EM QUE NAPOLEÃO RETORNA)
- NAPOLEÃO - (ENTRANDO MEIO ENCABULADO) A senhora viu ?
- WILMA - Vi. Vi o bastante para despedi-lo agora mesmo.
- NAPOLEÃO - (HUMILDE) Não faça isso, dona Wilma... A senhora sabe quanto me custou arranjar este emprêgo...
- WILMA - É assim que o senhor toma conta da minha casa quando eu estou no Rio, não é? Metendo suas aventuras aqui dentro. Fazendo disso aqui um rendez-vous.
- NAPOLEÃO - Elias é que me procuram, dona Wilma. Essa mulher está alucinada por mim. Tem sido uma sarna na v minha vida. Eu tenho feito tudo para ela me deixar em paz. Mas qual! Grudou que nem ostra. Diz que não há outro homem igual a mim... Que eu tenho aquilo... A senhora sabe.
- WILMA - (MUITA DIGNA) Não vá ter o descaramento de querer me contar suas intimidades.
- NAPOLEÃO - Desculpe, D. Wilma. Eu estava apenas dizendo a opinião dela a meu respeito. Aliás a opinião dela é a mesma opinião de todas que me conhecem...
- WILMA - (FURIOSA) Chega! Vá para o jardim e aguarde a chegada de um cavalheiro que virá a minha procura.
- NAPOLEÃO - (VOLTANDO A SER ZELADOR) Sim Senhora.
- WILMA - E depois da chegada desse cavalheiro, não deixa mais ninguém entrar.
- NAPOLEÃO - Sim Senhora. E desculpe o que houve, sim dona Wilma. (SAI, SENDO INSPECIONADO DE ALTO A BAIXO POR WILMA QUE DEPOIS SACODE A CASEÇA COMO QUEM DIZ: "BOM MATERIAL". CAMPAINHA DO TELEFONE: WILMA VAI ATENDER).
- WILMA - (AO TELEFONE) Alô!... Sim... (NUM LEVE ESPANTO BAIXO) Raul ? (NERVOSAMENTE PROCURA ALGUMA COISA. NÃO ENCONTRANDO COLOCA A BARRA DO PEGNOIR NO BOCAL PARA DISFARÇAR A VOZ. JÁ AGORA MUITO LANGOROSA E COM SOTAQUE ESTRANGEIRO) Pode falar, meu bem... (QUEIXINHA CANALHA) Mas vai demorar muito querido?... Mais

do que ansiosa... Desde cêdo estou esperando você... Já vem para cá?... Está bem. Venha depressa que eu tenho um mundo de beijos para você. (QUASI SOPRANDO SENSUALÍSSIMA) Até já. (DESLIGA E VOLTA A SER NO MESMO MINUTO A WILMA QUE REALMENTE É. AOS GRITOS) Solange! (ABRE-SE A PORTA DO QUARTO DO CENTRO. NA PORTA SE DESENHA A FIGURA DE SOLANGE. VESTE UM REGNOIR LEVÍSSIMO, QUASI LHE REVELANDO AS FORMAS. A SUA FIGURA, PELO QUE INSINUA, É TÃO PROVOCANTE QUE NEM SUA TIMIDEZ DESTRÓI O EFEITO. TRÁS UMA CARTEIRA QUE A DEIXA COMPLETAMENTE DIFERENTE DA SOLANGE DO 1º ATO. PINTURA EXCITANTE. DA ANTIGA SOLANGE SÓ RESTAM OS ÓCULOS DE GRÁU E A SUA TIMIDEZ QUE AGORA CONSEGUE SER MAIOR, POIS SE TRANSFORMOU EM VERDADEIRO PAVÔR) Raul já vem para cá.

- SOLANGE - (APAVORADA COM A REVELAÇÃO) Minha nossa Senhora! (AVANÇANDO) E agora Wilma? E agora?
- WILMA - Agora é esperar que êle chegue e você agir conforme combinamos.
- SOLANGE - Não... eu não tenho coragem...
- WILMA - Mas criatura... Não foi você mesma quem me pediu, hoje de manhã, quasi chorando, para que recebesse seu marido como se fôsse a tal mulher que escreveu a carta?
- SOLANGE - Fui...
- WILMA - Não veio do Rio especialmente para isso, com medo que eu, sua melhor amiga, fôsse capaz de enganá-la com Raul?
- SOLANGE - É verdade...
- WILMA - Então, Solange? E agora quer fugir?
- SOLANGE - Quero, sim. Eu vou embora, Wilma... Você recebe o Raul... conversa com êle... faça o que quiser...
- WILMA - (MALDOSA) Olhe que êle vem aqui para enganar você. Depois não se queixe.
- SOLANGE - Não faz mal. Se quiser me enganar, pode enganar. Mas eu quero ir embora... Eu morro de vergonha só em pensar que meu marido vai fazer mau juízo de mim.
- WILMA - Não é de você, Solange, é da outra.
- SOLANGE - É... mas a outra sou eu querendo ser a outra.
- WILMA - Mas se você é a outra, não deve ter vergonha de receber Raul.
- SOLANGE - Eu não sei, Wilma, se diante dêle tenho coragem de ser a outra. Aquelas coisas que você me ensinou... (ESCANDALIZADA) Deus me livre. Não Wilma... Deixe-me ir embora pelo amor de Deus. Eu não tenho jeito para essas coisas. Êle vai perceber que sou eu...
- WILMA - Tudo está nas suas mãos, Solange. Se você aprendeu e souber aplicar direitinho o que eu ensinei, Raul não perceberá coisa nenhuma.
- SOLANGE - (DESALOJADA) Aprender eu aprendi, agora aplicar é que são elas. Eu, beijar daquêle jeito que você me ensinou... arranhar na hora do abraço... recebê-lo assim? (VAI AO DIVAN E SE DEITA QUERENDO TOMAR UMA ATITUDE DE VAMP, MAS SEM JEITO PARA ISSO).

- WILMA - Não é assim, Solange, se você receber Raul dessa maneira, é claro que ele vai embora sem olhar para trás. Você vai recebê-lo provocante, mais sedutora... mulher!
- SOLANGE - (INGÊNUA) E eu não sou mulher?
- WILMA - É, Solange... mas, mulher do século passado. A mulher de hoje recebe assim... (TIRA SOLANGE DO SEU LUGAR FAZ UMA ATITUDE BEM SENSUAL DEIXANDO APARECER A PERNA PROVOCANTE. SOLANGE ESTÁ ESCANDALIZADÍSSIMA) Viu como?
- SOLANGE - Wilma!... eu nunca pensei que uma mulher precisasse receber um homem assim.
- WILMA - Pois é assim que eles gostam de ser recebidos.
- SOLANGE - (ESPANTADA) Onde é que você aprendeu essas coisas, Wilma?
- WILMA - No cinema. Fitas francesas.
- SOLANGE - Eu nunca vi fitas francesas, Wilma... Sou um fracasso nessas classes.
- WILMA - Não é, não. Você está impressionada, precisa de um estimulante. (VAI AO CARRINHO, APANHA UMA GARRAFA LÊ O RÓTULO) Pipermant... ótimo. (ENCHE UM CÁLICE) Tome Solange, Beba isso que receberá Raul melhor do que eu até. (SOLANGE RESITA) Beba. Isso é um estimulante formidável...
- SOLANGE - (APANHA O CÁLICE MAS AINDA RELUTANDO) E se me subir à cabeça?
- WILMA - Melhor ainda. Aí você vai até inventar coisas.
- SOLANGE - Deus me livre! Basta o que você já me ensinou. (BEBE DE UM GOLE. ACHA FORTE MAS NÃO TEM A TOSSE QUE SE USA HÁ 400 ANOS EM TEATROS, PAVILHÕES E OUTROS LOCAIS NO ESTILO) Forte, ein? (ABRINDO A BOCA E ABANANDO) Parece fôgo.
- WILMA - Pois é disso que você precisa, criatura. Não está se sentindo com mais coragem agora?
- SOLANGE - (RESISTENTE) Não, sei...
- WILMA - (INDO NOVAMENTE AO CARRINHO ENCHENDO OUTRO CÁLICE E OFERECENDO A ELA) Tome outro cálice que você já vai saber.
- SOLANGE - (APANHANDO O CÁLICE) Como a gente sofre para defender a fidelidade de um marido. (BEBE JÁ NÃO TEM MAIS O GESTO DE ABANAR, APENAS UMA LIGEIRA CARETA).
- WILMA - (ENQUANTO SOLANGE DEPOSITA O CÁLICE NO CARRINHO) Já não achou tão forte, não foi?
- SOLANGE - (SORRINDO NUMA DEMONSTRAÇÃO DE QUE VAI PERDENDO AOS POUCOS O ACANHAMENTO) Dessa vez achei até gostoso.
- WILMA - Tudo na vida é uma questão de hábito, minha cara. Se não fôsse assim baiano não comia pimenta.
- SOLANGE - Você é terrível, Wilma, Convenceu-me a receber Raul... (COQUETE) Que é que você acha? Será que esse meu tipo vai agrader a Raul?
- WILMA - Vai ficar alucinado... Principalmente se você tirar esse óculos. (JUNTA O GESTO À PALAVRA).



- SOLANGE - (ATARANTADA E ESPREMIENDO OS OLHOS PARA ENXERGAR)
Sem óculos eu não vejo nada, Wilma.
- WILMA - Ótimo. As vezes é melhor a gente não ver o que está fazendo.
- SOLANGE - E eu vou olhar para ele assim? (EXPRESSE OS OLHOS DESELEGANTEMENTE COMO FAZEM OS HOMENS PARA ENXERGAR)
- WILMA - Você pode transformar esse tique numa arma de sedução. Em vez de olhar assim (IMITA A ATITUDE DE SOLANGE) Olhe assim (SEMI-CERRA AS PÁLPEBRAS, CAPRICHANDO NA SENSUALIDADE QUE ESSA ATITUDE DÁ ÀS MULHERES) Os homens ficam maluquinhos quando vêm uma mulher olhando olhando assim. (REPETE A ATITUDE E ENTRA NAPOLEÃO, VEM ANSIOSO).
- NAPOLEÃO - Dona Wilma. Dona Wilma. Parece que o homem chegou!
- WILMA - Por que?
- NAPOLEÃO - Saltou agora mesmo um cavalheiro de um automóvel e está olhando muito para cá.
- WILMA - Trás uma valise cinzenta?
- NAPOLEÃO - Não sei a cor, mas trás uma valise.
- WILMA - Então é ele mesmo, quando ele bater, faça-o entrar aqui.
- NAPOLEÃO - Sim senhora. (SAI).
- WILMA - (ATARANTADA) E agora, Solange?
- SOLANGE - (CALMISSIMA) Vá para seu quarto e deixe Raul por minha conta.
- WILMA - (SAINDO PARA O QUARTO À DIREITA) Não esqueça nada do que eu lhe ensinei. Principalmente o sotaque, heim? (SAI. SOLANGE UMA VEZ SÓZINHA CORRE AO CARRINHO INOCHO NÓVO CÁLICE E BEBE DE UM SÓ GOLE, ACENDE O ABAT-JOUR DE PÉ E APAGA O LUSTRE CENTRAL. EM SEGUIDA DEITA-SE NO DIVAN NUMA ATITUDE TÃO PROVOCANTE OU MAIS, QUANTO A DE WILMA. TOQUE DA CAMPAINHA DA PORTA. TEM UM LIGEIRO ESTREMECIMENTO. MAS SE DOMINA E MUITO SEPIORA DE SÍ, ENTREABRE PROVOCADORAMENTE O DESHABILLE E A FIGURA DE RAUL, DE MALETA, SE DESENHA À ENTRADA).
- RAUL - (À ENTRADA COM SORRISO DOS CONQUISTADORES NESSES MOMENTOS, AVELUDANDO A VOZ) Boa noite... (AVANÇA DOIS PASSOS PARA SOLANGE QUE FINGE UM CERTO PUDOR, COBRINDO AS PERNAS, DEPOIS DE QUE, ELEVA O ROSTO COMO SE ESPERASSE UM BEIJO. E RAUL ESTACA, PERPLEXO PELA SEMELHANÇA QUE HÁ ENTEE ESSA MULHER E SOLANGE) Solange! (DEIXA CAIR A MALETA).
- SOLANGE - (É REALMENTE OUTRA MULHER. SOTAQUE ESTRANGEIRO, VOZ COLOCADA NO PEITO, COM UM ARRASTADO SENSUAL NA MANEIRA DE FALAR) Solange não, querido. Naira Datko.
- RAUL - (APROXIMANDO-SE A MEDO AINDA NÃO REFEITO DO CHOQUE) Parece impossível.
- SOLANGE - Não há impossível para Naira Datko quando ama. (PAUSA, RAUL CONTINUA ASSOMBRADO PELA SEMELHANÇA BEM PROVOCANTE) Porque ficou parado... tão distante de mim? Ficou com medo? Ou está com remoreo de trai a esposa? (PAUSINHA MAL DISFARÇANDO A ANSIEDADE)

DADA PELA RESPOSTA)-Está com remorso?

- RAUL - Francamente...Eu não sei o que fazer...
- SOLANGE - E para que dizer? Palavra só serve para tomar tempo. É uma pena um homem e uma mulher perderem tempo. (BEM PROVOCANTE)
-Não acha?
- RAUL - (APÓS UMA HESITAÇÃO, DECIDIDO)-Com licença...eu preciso olhar você bem de perto para me convencer de uma coisa.
- SOLANGE - O que eu mais desejo é que você chegue perto de mim... (TREMENDISSIMAMENTE SENSUAL)- Bem perto... (SENTA-SE).
- RAUL - (APROXIMA-SE DE SOLANGE, TOMA ENTRE AS MÃOS O SEU ROSTO E FIXA-O ATENTAMENTE)-Que coisa estranha! (NÃO LARGA O ROSTO DELA).
- SOLANGE - (BERGUENDO-SE À PROCURA DO BEIJO DE RAUL)- Não se lembra de mim?...nobaile da embaixada...fois eu não tirava os olhos de você, e como tinha inveja daquela mulher que estava ao seu lado...que dançava com você...que se apoiava em seu braço... (EXECUTANDO)-Assim...que lhe envolvia o pescoço... (EXECUTANDO)-Assim...Não se lembra de mim?...Chegue seu rosto mais perto pra me ver melhor... (ELE VAI APROXIMANDO O ROSTO DE SOLANGE ENQUANTO ELA O ANIMA COM OMBEGANTES)-Assim, querido...assim querido. (VOLUPTUOSAMENTE ENFIA OS DEDOS ENTRE OS CABELOS DE RAUL, DESMANCHANDO-OS...E APROVEITA A PROXIMIDADE EM QUE ESTÃO PARA BRIJÁ-LO SOPREGA E DEMORADAMENTE. APÓS O BEIJO, SOLTA A CABEÇA DE RAUL E COMO GATA, VEM SENTAR-SE NO VASENTE NO SOULIER, FIXANDO EM RAUL UM OLHAR BEM CANAÇA).
- RAUL - (COMO SE FALASSE PARA SI PRÓPRIO)-É...não é Solange, não. (JÁ CONQUISTADOR CEM POR CENTO, SEM A INIBIÇÃO QUE A SEMELHANÇA LHE HAVIA CAUSADO VAI SENTAR-SE AO LADO DE SOLANGE COM A DESENVOLTURA QUE TERIA COM UMA AMANTE. E JÁ AGORA TOMANDO A MÃO DE SOLANGE ENTRE AS SUAS) - Como eu fiquei ansioso para conhecer você depois daquela carta. Vinha sonhando com esse beijo que você me deu... (SOPREGAMENTE COMEÇA A BEIJAR AS MÃOS DELA).
- SOLANGE - (MUITO FEMEA RETIRANDO AS MÃOS LENTAMENTE)-Oh, meu Deus, que homem guloso!...Parece até que há muito tempo que não beijava nenhuma mulher.
- RAUL - Com essa fome, confesso que não.
- SOLANGE - Não vai me dizer que não beija sua mulher...que sua mulher não beija você...
- RAUL - (NÃO QUERENDO FAZAR NAQUELE ASSUNTO)- Beijar...ela me beija...mas beijo de esposa é uma coisa diferente, sabe como é?... Uma coisinha meio sem sal...
- SOLANGE - (NÃO SE AGUENTANDO MAIS, PORÉM MANTENDO O SOTAQUE)- Sem sal, não é cachorro?
- RAUL - (ESPANTADISSIMO)- Cachorro?
- SOLANGE - (BEM MELIPLUA CONTORNANDO A SITUAÇÃO)-Não se zangue, querido...O cachorro é o animal que eu mais aprecio na vida. Por isso, quando gosto de alguém como gosto de você...chamo de cachorro...É uma expressão de amor. (ACARICIANDO-O)- Meu gachorrinho...Quer dizer que os beijos que você dá em casa... não satisfazem?
- RAUL - Não, querida. Não têm esse calor que tem os teus beijos...
- SOLANGE - E como são os beijos de casa?

- RAUL - Não vamos falar nessas coisas, querida...Vamos pensar em nós...Eu só disponho dessa noite...
- SOLANGE - Nero incendiou Roma numa noite...
- RAUL - Então eu sou um destroço de Roma porque já caí chamado por esse amor. (OS DOIS RIEM MUITO)
- SOLANGE - (PARANDO SUBITAMENTE DE RIR).--Mas como é que você beija em casa querido?
- RAUL - Está bem...já que você faz tanta questão de saber... (BEIJA-LHE SUAVEMENTE A TESTA E OS CABELOS)
- SOLANGE - (APÓS UMA PAUSAZINHA) - E o beijo querido?
- RAUL - Já beijei ..
- SOLANGE - Não senti nada.
- RAUL - Pois o beijo de casa é esse.
- SOLANGE - Que coisa ridícula, meu Deus....
- RAUL - E não são esses os beijos que satisfazem. (COM IMPETO EN QUANTO ENLAÇA SOLANGE)- É preciso que a vida saia aos porcos por entre os lábios da gente...enquanto aquela a quem beijamos nos transmite a sua vida. (JÁ QUASI BEIJANDO)-Seu calor (E ACONTECE UM BEIJO TERREMOTO EM QUE ELE É QUE TOMA A INICIATIVA).
- SOLANGE - (ATORDOADA PELO BEIJO DE RAUL PARA SI PRÓPRIA)-que fome que ele tem!...(AINDA ATORDOADA POR ESSE BEIJO, LEVANTA-SE COM AS MÃOS NO ROSTO COMO SE ESTIVESSE SENTINDO:SE INDISPOSTA).
- RAUL - (PRESSUROSO VAI A ELA)-Que foi, querida? Está se sentindo mal?
- SOLANGE - (TENSA) - Você me atordoou, Raul!...
- RAUL - (QUE ESTÁ POR TRÁS DELA COM VOZ 33 PALANDO-LHE FUÇANDO O PESCOÇO E O OUVIDO, ENQUANTO ELA DÁ DEMONSTRAÇÕES DE GRANDE NERVOSISMO)-É o amor que nos atordoou, querida....que nos enlouquece...
- SOLANGE - (DESVENCILHANDO-SE E SE ENCAMINHANDO LENTAMENTE PARA O QUARTO)-Por favor, Raul...por favor...(RAUL FICA PARADO ONDE ESTÁ VENDO-A AFASTAR-SE COM UM SORRISO DE TRIUNFO, SOLANGE AO CHEGAR À PORTA DO QUARTO DO CENTRO, ABRE-A LENTAMENTE, ESCUEIRA-SE PELA PORTA, E, ANTES DE DESAPARECER, ENVIA UM BEIJO DE PONTA DE DEDOS E DESAPARECE DEIXANDO A PORTA ENTREABERTA).
- RAUL - (NO AUGE DA ALEGRIA BATENDO NO PEITO COMO TARZAN) - Você está em plena forma, seu Raul (VAI AO CARRINHO DAS BEBIDAS ENQUANTO ENCHE UM CÁLICE)-Que mulher admirável! Isso sim é mulher!(BEBE NUM SORRISO BONDOSO)Coitadinha da Solange. (VAI A CAMINHO DO QUARTO, QUANDO SURTEM AMÉRICO E ALBERTO SEGUIDOS DE NAPOLEÃO)-
- AMÉRICO : (A ENTRADA VENDO RAUL)-Raul!
- RAUL - Que é que você veio fazer aqui, Américo? E você Alberto?
- NAPOLEÃO- Foi também o que eu perguntei a eles...O homem esperado e o senhor. O senhor já chegou, logo, eles estão sobrando.
- AMÉRICO - (A NAPOLEÃO)- O Sr.não se meta onde não é chamado.(ANSIOSO A RAUL)-Então?Já?
- RAUL - Ainda não. Mas quase. Que mulher divina, seu Américo. E é casada...
- AMÉRICO - (DISTRÁIDO)- Eu sei.
- RAUL - Sabe?
- AMÉRICO - (CORRIGINDO)-Sei que ainda é tempo de você evitar fazer a desgraça desse pobre e infeliz marido.

- RAUL - Nessa altura dos acontecimentos? Você está louco, Américo?
- AMÉRICO - Pense na salvação de sua alma, Raul...
- RAUL - A minha salvação está ali. (E APONTA PARA O QUARTO DO CENTRO).
- AMÉRICO - (VENDO RAUL SE DIRIGIR PARA O QUARTO)- Espere aí, Raul. Vamos conversar um pouco...
- RAUL - (RINDO)- E você acha que eu me abalei do Rio até aqui para ficar conversando com você? Ora, tome juízo, Américo. (A NAPOLEÃO)- Quer me fazer um favor? Bota esses dois sujeitos para fora. (E SAI PARA O QUARTO DO CENTRO).
- NAPOLEÃO -O doutor está com a razão. Vamos tratando de cair fora.
- ALBERTO - (TENTANDO REAGIR)- Veja como fala!
- AMÉRICO - Isso é um desafôrc!...
- NAPOLEÃO - Pode ser que seja. Mas se a patroa souber que eu deixei os srs. entrarem, eu vou para o olho da rua. Quem tinha que entrar já entrou. Vamos desinfetar o beco.
- AMÉRICO - (A ALBERTO)- Está vendo só que situação humilhante?
- ALBERTO - Mas você foi muito mole. Veio disposto a tudo, trouxe-me como testemunha, pra no fim aceitar a situação passivamente.
- AMÉRICO - Você também não me ajudou!
- ALBERTO - Ela não é minha mulher.
- AMÉRICO - Mas é sua prima. Você não pode deixar sua família desmoralizada!
- ALBERTO - (O desmoralizado é você. (ABRE-SE A PORTA DO QUARTO E APARECE RAUL. OS TRÊS FICAM EM EXPECTATIVA ENQUANTO ELE RELANÇEIA O OLHAR PELA CENA COMO A PROCURA DE ALGUMA COISA. POR FIM, VENDO A MALETA QUE DEIXARA CAIR AO ENTRAR, APANHA-A E SE ENCAMINHA NOVAMENTE PARA O QUARTO).
- RAUL - (A AMÉRICO E ALBERTO)- Vocês ainda estão aí? (A NAPOLEÃO) - Ponha esses sujeitos lá fora. (E ANTES DE ENTRAR TEM UM SUSPIRO DE VENCEDOR SORRIDENTE, DE QUEM ESTÁ PRELUBANDO PRAZERES INFINITOS. ENTRA NO QUARTO).
- AMÉRICO - (NO AUGE DA INDIGNAÇÃO)- É o cúmulo que essas coisas aconteçam nas barbas de um marido. (A LUZ DO QUARTO QUE SE PROJETAVA PELA BANDEIRA DA PORTA, APAGA-SE)- Pronto. Apagaram a luz. Agora não há mais jeito...
- ALBERTO - Não há mais jeito porque você não tomou nenhuma iniciativa... Deixou que Raul entrasse livremente para aquele quarto, não respeitando sua amizade.
- AMÉRICO - Eu não fiz nada porque pensei que pudesse convencer o Raul, a desistir dessa loucura... Quería evitar o escândalo... Mas já que o escândalo é inevitável, quem vai começar sou eu.
- ALBERTO - Veja lá que vai fazer, Américo?
- AMÉRICO - Arrombo aquela porta, desmascaro os dois, quebro a cara dos três... (VOLTANDO-SE RÁPIDAMENTE PARA NAPOLEÃO)- Porque o senhor é conivente nessa patifaria.
- NAPOLEÃO - Pra seu governo, meu amigo, de encrenca eu já estou cheio. Não me arranje mais uma, ouviu? E quer saber de uma coisa? Aqui dentro o senhor não vai fazer escândalo não, porque vai sair agorinha mesmo.
- AMÉRICO - (AGRESSIVO)- Não vejo homem para me botar para fora daqui.
- NAPOLEÃO - Pois então vai ver. (INVESTI ENÉRGICAMENTE SOBRE AMÉRICO).
- AMÉRICO - (RECUANDO AMEDRONTADO)-O senhor está muito nervoso... (SEMPRE RECUANDO)-Mas comigo a parada é dura.

- NAPOLEÃO - Eu não sei se é juro ou não. O que eu sei é que o senhor vai cair fora.
- ALBERTO - (PRETENDENDO INTERVIR)- Vamos com calma.
- NAPOLEÃO - (PARA ALBERTO)-E o senhor, como é cupichas vai cair fo ra também. (SEGURA AMBOS PELO GOLA DO PALETO E ENTRA SA CUIDADES OS VAI CONDUZINDO PARA FORA).
- AMÉRICO - (Que sujeito bruto. Mas eu sei o que vou fazer). SAEM OS TRES, POUCO DEPOIS SE OUVI O ESTRONDO DE PORTA SENDO FE CHADA. CENA DESERTA, UM TEMPO DEPOIS SE ABRE A PORTA DA DIREITA APARECE WILMA, VEM EVIDENTEMENTE EXCITADA, NER VOSA. DEVE TER OUVIDO MUITA COISA DO QUE ESTÁ PASSANDO NO QUARTO CENTRAL, PENETRA ALCUNS PASSOS E SEU PRIMEI RO CUIDADO É OLHAR A BANDEIRA DA PORTA DO QUARTO CENTRAL, QUE CONTINUA APAGADA. NÃO CONTEM UM SUSPIRO, DÁ ALCUNS PASSOS SEM SABER O QUE FAZER, DE SÚBITO VAI AO TELEFONE E DISCA).
- WILMA - (AO TELEFONE)-Quem fala?(NUMA MA RCANTE DE ESPERANÇA)- É você Eduardo?(AGORA BEM DENGOSA E ENVOIVENTE) Sabe quem está falando, meu bem?...Wilma.(BEM PENETRANTE)- É, cheguei hoje...Estou em casa, querido...Sôzinha, sô zinha...Pensei tanto em você quando vinha para cá... (PAUSINHA DESOLADA) Ah, você vai embarcar agora para o Rio, é?...Se eu soubesse tinha esperado você lá...(CA DA VEZ MAIS DESANIMADA)-Está bem. Então boa viagem... (DESLIGA, QUASE SEM VOZ)-Que amar... (VAI A MESQUINHA TOMA OS CÁLCICOS DE UMA BEBIDA QUALQUER...Olha mais UMA VEZ PARA A BANDEIRA DA PORTA. APANHA UM CIGARRO MAS NÃO HÁ FÓSFORO, ENQUANTO ESTÁ PROCURANDO ENTRA NAPOLEÃO COM AMÉLIA. AO VER WILMA QUE ESTÁ DE COSTAS PARA A PORTA DA ENTRADA, ESCONDE RÁPIDAMENTE A MÊIA E VOLTA NÃO COM SEGUINDO ESCONDER SEU NERVOSISMO).
- NAPOLEÃO - A senhora deseja alguma coisa, dona Wilma?
- WILMA - Fósforos.
- NAPOLEÃO - (DEPOIS DE VERIFICAR OS BOLSOS)-Não tenho, não senhora. Mas na biblioteca tem.
- WILMA - (ESPANTADA)- Biblioteca? E nós aqui em casa temos biblio teca?
- NAPOLEÃO - Ah, é mesmo. E na cozinha...se não for na cozinha...é... em qualquer parte dona Wilma. Mas que há fósforo por aí, eu garanto que há.
- WILMA - Você está nervoso, Napoleão.
- NAPOLEÃO - Nervosíssimo, dona Wilma. Estão se passando coisas in críveis nesta casa.
- WILMA - (NUM SUSPIRO REFERINDO-SE INTENCIONALMENTE AO QUARTO CENTRAL.Realmente...Coisas incríveis.(SAI PARA O INTERIOR A PÓS UM GRANDE SUSPIRO).
- NAPOLEÃO - (REFERINDO-SE A WILMA)-Ela está mais nervosa do que eu. (CHAMANDO MAS SEM LEVANTAR A VOZ)-Amélia...Amélia....
- AMÉLIA - (ENTRANDO MEIO ASSUSTADA)-Posso entrar? Não há perigo?
- NAPOLEÃO - Perigo há. Você não viu que a patroa saiu daqui para a panhar fósforos? Daqui a pouco está de volta.
- AMÉLIA - Não fique zangado, querido. Mas eu não podia deixar de voltar aqui. Eu vim pra lhe pedir perdão das bobagens que fiz...

- NAPOLEÃO** - Está perdoadas querida...Mas você não pode ficar aqui.
- AMÉLIA** - E também não posso sair. Tenho a impressão de que estou sendo seguida pelo meu marido.
- NAPOLEÃO** - (JÁ ASSUSTADO)- O que?
- AMÉLIA** - Atrás do meu automóvel, vinha um automóvel igualzinho ao dele.
- NAPOLEÃO** - Era só o que faltava, Deu pra acontecer tudo, na noite de hoje.(CAMPAINHA DA PORTA).
- AMÉLIA** -(APAVORADÍSSIMA) --meu marido.
- NAPOLEÃO** - (IDEM)-Ai meu DEUS, que eu vou morrer sem ter tempo de me confessar.(CAMPAINHA INSISTE)-Esconda-se aqui, Amélia. (INDICA O QUARTO DA DIREITA. ENQUANTO SAI VAI SE DIRIGINDO PARA ENTRAR NO QUARTO, MAS SUA CURIOSIDADE É MAIS FORTE E ELA VAI COLOCAR-SE JUNTO A PORTA DE ENTRADA PARA VER SE SURPREENDE ALGUMA CONVERSA. AO OUVIR VOZES QUE SE APROXIMAM PROCURA SE ESCONDER. FICA ATARANTADA E NA ATRAPALHAÇÃO ENTRA NO QUARTO DA ESQUERDA. TENDO O CUIDADO DE APAGAR A LUZ DO MESMO. DEPOIS DE FECHADA A PORTA ESSE MOVIMENTO É INDICADO PELA LUZ QUE SE VIA ATRAVÉS DA BANDEIRA DA PORTA, QUE SE APAGA. ENTRA ALBERTO SEGUIDO DE NAPOLEÃO QUE PROCURA DETÊ-LO.)
- NAPOLEÃO** - Mas o senhor é teimoso, hein?
- ALBERTO** - Meu amigo, eu vim aqui para evitar uma tragédia. O marido dessa senhora que está aí (APONTA O QUARTO DO CENTRO) foi chamar a polícia para pegar a mulher em flagrante de adultério.
- NAPOLEÃO** - Eu não digo que hoje está acontecendo tudo?
- ALBERTO** - Eu não quero que aconteça nada a essa senhora. Há um negócio entre nós e....
- NAPOLEÃO** -Ah, você defendendo a mulher, não o marido!
- ALBERTO** - Claro. O marido que se dane. E se você não quer perder o seu lugar evite a entrada da polícia aqui.
- NAPOLEÃO** - É...Eu vou passar a tranca na porta, apagar as luzes todas, e para todos os efeitos não há ninguém aqui.(SAI).
- ALBERTO** - (OLHA DESOLADO A BANDEIRA DA PORTA DO QUARTO, QUE CONTINUA APAGADA)-Antigamente era qui....(APONTA O QUARTO DA ESQUERDA)-Agora é aqui....(APONTA O QUARTO DO CENTRO)-Para cada nova aventura um novo cenário....(SUSPIRA NO JUSTO MOMENTO EM QUE ENTRA WILMA QUE VEM FUMANDO).
- WILMA** - (RECONHECENDO ALBERTO CONTENTÍSSIMA POIS ELE REPRESENTA O QUE ELA PROCURA).-Alberto!
- ALBERTO** - (SURPRESA)-Wilma.
- WILMA** - (ATIRANDO-SE NOS BRAÇOS DE ALBERTO)-Você caiu do céu, Alberto. Como eu estava com saudades de você querido...meu sonho, ...meu gatinho...
- ALBERTO** - (ABOALHADO) - Francamente, Wilma...eu não estou entendendo...
- WILMA** - Mas é fácil de entender, meu amor. Eu estou em crise...
- ALBERTO** - (AGARRANDO-A)-Oh, querida.(DÁ UM BEIJO.CAMPAINHA DO TELEFONE).

- WILMA - Atenda querido. Eu não estou para ninguém.
- ALBERTO - (ATENDEENDO)-Alô...sim...É o Alberto.Ah, é você Américo?...
Qué é que há? Prá eu não scir daqui?
- WILMA - (QUE ACOMPANHOU ALBERTO ATÉ O TELEFONE DANDO-LHE UM BEIJO
NA NUCA E PALANDO MUITO VOLUPTUOSAMENTE)-Não ~~deixe~~ pelo
amor de Deus, querido.(SAI PARA O QUARTO DA DIREITA SEM
QUE ALBERTO VEJA A DIREÇÃO QUE ELA TOMOU. ASSIM QUE ELA
ENTRA NO QUARTO, APAGA-SE A BANDEIRA DA PORTA).
- ALBERTO - Claro. Agora mesmo é que eu não saio.Pode ficar descansa-
do, Américo.(DESLIGA. PAUSINHA. VOLTANDO-SE PARA O TELE-
FONE)-Desculpe, Américo...é mais forte do que a nossa ami-
zade.(PELO HÁBITO DE SEUS PASSADOS ENCONTROS COM WILMA,
ENCAMINHA-SE PARA O QUARTO DA ESQUERDA. A CENA FICA UM
INSTANTE DESERTA. ENTRA NAPOLEÃO).
- NAPOLEÃO - Agora não há mais nada que atrapalhe. A porta está fecha-
da. O marido dela que se arranje. A noite é minha.(ESPRE-
GA AS MÃOS CONTENTE. APAGA O LUSTRE CENTRAL E SAI PELO
QUARTO DA DIREITA. INSTANTES DEPOIS SE ACENDE A BANDEIRA
DA PORTA DO QUARTO DO CENTRO. UM MOMENTO E SURGE RAUL. VEM
DE PIJAMA, CABELO EM DESALINHO, CHINELOS. VEM AO CENTRO
DA CENA. ACENDE O ABAT-JOUR QUE HÁ PERTO DO SOUMIER VAI
AO CARRINHO DE BEBIDAS, ENCHE UM CÁLICE DE BEBIDA, BEBE.
SURGE SOLANGE A PORTA DO QUARTO A TEMPO DE VER RAUL BE-
BENDO).
- SOLANGE - Não guardou um pouquinho para mim, querido?
- RAUL - Oh, desculpe, meu bem. Eu vou encher um cálice para vo-
cê....
- SOLANGE - (VINDO MUITO VOLUPTUOSA)-Não...no cálice não. Eu prefiro
saborear o restinho que ficou nos seus lábios.(GATAMENTE
ESPREGA OS LÁBIOS NOS LÁBIOS DE RAUL PARA SABOREAR DE-
POIS ENQUANTO DIZ)-Fica mais gostoso.
- RAUL - (DESVAIRADOSINHO DE AMOR)-Você me enlouquece, criatura!
(QUER ATRACÁ-LA, ELA POGE SE ESQUIVANDO. ELE A PERSEGUE)
Porque está fugindo de mim?
- SOLANGE - Você é muito perigoso, Raul...)(BEM INTENCIONAL)-Eu não
sabia que voce era assim....
- RAUL - Foi você que me deixou alucinado....Eu não podia imaginar
que você é a mulher que é....Ainda estou com os lábios
queimados de seus beijos...(E TENTA ABRAÇÁ-JA).
- SOLANGE - (BRINCANDO)-Então é bom tomar alguma coisa gelada.
- RAUL - Não!...Eu quero queimá-los ainda mais...(TANTO PERSEGUE
QUE ACABA ALCANÇANDO SOLANGE JÁ PERTO DO SOUMIER)-Agora
você não fugirá mais de mim.(VAI PARA BEIJÁ-LA NA BOCA).
- SOLANGE - (NUMA NEGAÇA)-Não...eu quero que você me beije como cos-
tuma beijar sua esposa...
- RAUL - (ENQUANTO A DEITA LENTAMENTE NO SOUMIER)-Seria preciso
que você não fôsse o vulcão que é...que não beijasse co-
mo quem quer arrancar a alma da gente...(COMEÇA A BEI-
JÁ-LA SOPREGAMENTE).
- SOLANGE - (MEIO ATORDOADA)-Querido...
- RAUL - (CADA VEZ MAIS EMPOLGADO)-Que não abraçasse como quem
quer estraçalhar o coração entre as mãos....
- SOLANGE - (A VOZ JÁ ESTÁ MEIO PASTOSA)-Querido.

- SAUL - Seria preciso que eu não fosse um homem capaz de compreender a mulher que você é, logo ao primeiro relance... capaz de adivinhar os beijos que você deseja, as carícias que você exige. (COMEÇA A ENVOLVÊ-LA NUMA CHUVA DE CARINHOS E DE BEIJOS).
- SOLANGE - (NUMA SÚBITA REAÇÃO NEGACIANDO)-Calma, querido... (NEGACIANDO)-Eu aprendi na escola, que a gulodice é um pecado... E a medicina ensina que as pessoas acabam sempre tendo indigestão...
- RAUL - Pois eu quero morrer de indigestão de seus beijos.
- SOLANGE - Mas assim não sobram beijos para quando nos encontrarmos nas outras vezes....
- RAUL - Outras vezes? Quer dizer que você quer se encontrar comigo novamente?
- SOLANGE - E acha que alguém pode deixar o paraíso sem ter o bilhete de volta?
- RAUL - Mas quando querida? Não é sempre que eu posso vir a São Paulo.
- SOLANGE - Nem eu, querido...Eu também sou casada...Tenho um marido que não me compreende...que só me beija na testa como você beija sua esposa. Só me beija os cabelos...mas é meu marido....
- RAUL - Esse homem é um bárbaro...desculpe porque é seu marido... mas é um cretino...
- SOLANGE - (APÓS PAUSINHA MUITO CANALHA)-Tem razão...um bárbaro...um cretino...Pensar que sua mulher é um cartão postal que se beija assim...(UM BEIJO RAPISSIMO NA PALMA DE SUA PRÓPRIA MÃO)-E acabou...Você não Raul. Você não beija...incendeia a gente...Você não abraça...você esmaga o coração da gente entre seus braços...
- RAUL - E o amor não deve ser assim?
- SOLANGE - Só deve ser assim...Mas meu marido não compreende dessa maneira...Por isso eu quero me encontrar de novo com você... encontrar sempre e encontrar para o resto da vida.
- RAUL - Mas como querida?
- SOLANGE - Uma vez por mês, nós podemos nos encontrar aqui...que dia é hoje?
- RAUL - 23 de Junho....
- SOLANGE - No dia 23 de Julho eu estarei a sua espera aqui...E assim, todos os dias 23 nós viveremos um para o outro...conhecemos o amor com tôdas as loucuras que ele deve ter. Combinado querido?
- RAUL - Combinadíssimo. Já estou ansioso que chegue o dia 23 do mês que vem. (INVESTE PARA BEIJÁ-LA).
- SOLANGE - (NEGACIANDO, LANGUIDA)-Chega Raul...
- RAUL :- Eu tenho fome de seus beijos....

- SOLANGE - Por falar em fome, sua Naira está quasi desmaiando.....
MUITO GRACIOSA APONTANDO O ESTOMAGO APENAS COM O INDICA
DOR)-Um buraquinho aqui.....
- RAUL - Então eu vou lá dentro preparar alguma coisa para você,
querida.....
- SOLANGE - Para nós, meu amor... (LEVANTANDO-SE AO MESMO TEMPO QUE
SE AJEITA)-Mas não demore muito... Eu não sei se sinto
mais falta de alimento ou de você....
- RAUL - (LEVANTANDO-A ATÉ A PORTA DO QUARTO)-Não demorei, que-
rida... (APÓS UM BELJO ELA DESAPARECE, NUM SUSPIRO DE VI
TORIOSO)-Que mulher deliciosa. (OUTRO SUSPIRO)-Que descul
pas eu inventarei para enganar Solange todo dia 23? (NIS
SO ACENDE-SE A BANDEIRA DA PORTA DO QUARTO DA ESQUERDA SE
GUINDO-SE UM GRITO DE SUSTO DE AMÉLIA. RAUL SE ESPANTA, AO
MESMO TEMPO ABRE-SE A PORTA. VENDO RAUL, AMÉLIA ENTRA E
FECHA PRECIPITADAMENTE A PORTA. OUVI-SE DISCUSSÃO ENTRE
ALBERTO E AMÉLIA)...
- AMÉLIA - (EMPURRANDO VIOLENTAMENTE ALBERTO QUE ESTÁ SÓ DE CALÇA E
CAMISA)-Tonha-se lá fora, seu atrevido. Aproveitar-se da
escuridão para tomar um lugar que não lhe pertence.
- ALBERTO - Mas minha senhora... eu não sou culpado... eu pensei que
meu lugar era aquele, porque sempre foi ali...
- AMÉLIA - Eu bem que estava notando uma diferença....
- ALBERTO - Que diferença, minha senhora?
- AMÉLIA - Eu sei qual é a diferença... É o senhor que não tenha a
audácia de contar o engano que houve aqui, porque meu ma-
rido (GESTO DE QUEM ESTRANGULA) é uma fera! A sua honra es-
tá acima de tudo.
- RAUL - (QUE ESTAVA SEM ENTENDER NADA)-Que é que houve, Alberto?
- AMÉLIA - Imagine o senhor que... (SÓ AGORA NOTANDO QUE ESTÁ DE SAIA
E COMBINAÇÃO, DISPARA PARA O QUARTO DEPOIS DE UM GRITO DE
ESPANTO).
- ALBERTO - Decididamente eu não tenho sorte com mulher, seu Raul. Ti-
nha marcado encontro com uma criatura naquêle quarto....
e quando a luz se acende me sparece aquela.
- RAUL - E quem é ela?
- ALBERTO - Eu sei lá. Parece que ela estava esperando um outro que
não era eu.
- RAUL - Mas afinal de contas, que casa é essa?
- ALBERTO - E eu sei? (NAPOLEÃO VEM ENTRANDO, VINDO DO QUARTO DA DI-
REITA. TAMBEM VEM MUITO A VONTADE, FECHA A PORTA CUIDADO
SAMENTE)-Pergunte aquele ali que deve saber...
- RAUL - Que casa é essa, meu amigo?
- NAPOLEÃO - (SUSPIRANDO) EUPORICÍSSIMO)-É o paraíso, o paraíso!
- RAUL - Se é o paraíso, onde é que há comida sem ser maçã?
- NAPOLEÃO - Lá dentro... Venha comigo que eu também vou preparar uns
salgadinhos para uma criatura encantadora. (SAINDO)-Nunca
pensei que Amélia progredisse tanto... (SAI SEGUIDO DE
RAUL).

- ALBERTO - Que será que eu tenho que não agrado, Meu Deus? (DESCONSOLADO VAI SENTAR-SE NO SOUMIER UM TEMPO. ABRE-SE A PORTA DO QUARTO DA DIREITA E SURGE WILMA DE DESABILLÊ, ENCAMINHA-SE PARA ALBERTO MUITO AMOROSA E ENLAÇA POR TRÁS)-
- WILMA - (PUÇANDO O PESCOÇO DE ALBERTO)-Querido!
- ALBERTO - (DANDO UM SALTO)- Wilma?
- WILMA - Por que êsse espanto, hein? Tudo isso é remorso?
- ALBERTO - Remorso?
- WILMA - Sim, porque saiu para ir buscar uns salgadinhos para rua Wilminha e veio sentar-se aqui como um preguiçoso.
- ALBERTO - (DE ORELHA EM PÉ)-Salgadinhos?
- WILMA - Sim, querido... (BATENDO NA TESTA DE ALBERTO CARINHOSAMENTE)- Como anda essa cabecinha. Nem se lembra mais do que aconteceu há pouco tempo!
- ALBERTO - (A PARTE RÁPIDO)-Ela já sabe o que houve com a outra (O T)-Não fale nisso Wilma, que eu morro de vergonha.
- WILMA - Morre de vergonha por que meu bem?...Você devia era estar satisfeito com a experiência que adquiriu... (BEM GATINHA)-Não vô que eu estou carinhosa como nunca?
- ALBERTO - Eu estou vendo, mas não sei porque.
- WILMA - (CANALHINHA)- Modesto!...
- ALBERTO - Mas Wilma....
- WILMA - Não fale meu bem...para não me mostrar o êrro que eu cometi desprezando você tanto tempo. (ACARICIANDO-O VOLUPTUOSAMENTE)-Mas pegarei todo meu desprezo com bastantes juras... (PROCURA ENVOLVÊ-LO).
- ALBERTO - (ESQUIVANDO-SE)-Chegue para lá, Wilma. Por hoje basta o que já houve.
- WILMA - (VOLÚPIA E ALEGRIA DE MASOQUISTA)-Você progrediu tanto que está até canalha como todos os homens. Depois da pose, a indiferença. (IMITANDO-O)-Chegue para lá... (VAI DE NOVO PARA ELE VOLUPTUOSAMENTE).
- ALBERTO - (IMPACIENTE)-Não é nada disso, Wilma, as coisas já estão embrulhadas e você está querendo atrapalhar ainda mais. Que me explicar porque toda essa transformação com relação a mim?
- WILMA - Porque você provou que é o homem que eu sempre sonhei para minha vida.
- ALBERTO - Ahn? (A PORTA DO QUARTO DA ESQUERDA SE ABRE DANDO PAS: SAGEM A AMÉLIA QUE VESTE AINDA COMO NA CENA ANTERIOR . TRAZ O PALETÔ DE ALBERTO NA MÃO).
- AMÉLIA - (ATIRANDO O PALETÔ AOS PÉS DE ALBERTO)- Tome essa porcaria e suma-se de minha vista.
- WILMA - (ESPANTADÍSSIMA)-Ahn?(FICA ATENTA AO DIÁLOGO QUE SE SE-GUE).
- AMÉLIA - Eu não sei onde estava com a cabeça que não descobri logo que o senhor não era a pessoa que eu esperava.
- ALBERTO - Nem eu disse que era. A senhora nem me deu tempo de falarFoi logo me abraçando , me beijando...



- AMÉLIA - Mas o senhor não devia ter se aproveitado do meu engano.....
- ALBERTO - É porque não, se eu também estava enganado. Eu pensei que a senhora fôsse uma outra mulher que estava me esperando.
- WILMA - (ATONITA)-Mas se não era Alberto, quem era? Quem? Quem?... (ENTRA NAPOLEÃO COM A BANDEJA DIRIGINDO-SE A AMÉLIA).
- NAPOLEÃO - (CARINHOSÍSSIMO)-Aqui estão os salgadinhos que você pediu querida. (WILMA TEM UM SOBRESALTO).
- AMÉLIA - (BRUSCA)-Que salgadinhos? Eu não pedi coisa nenhuma!
- NAPOLEÃO - (ESPANTADÍSSIMO)-Mas meu bem....Você não pediu salgadinhos...dizendo que estava com fome?
- AMÉLIA - (NO MESMO TOM)-Eu quero saber onde é que o senhor se meteu durante todo esse tempo?
- NAPOLEÃO - Isso é pergunta que você me faça, Amélia?(APONTA O QUARTO DA DIREITA COM A CABEÇA)-Ali!
- AMÉLIA - Você podia estar ali (APONTA O QUARTO DA DIREITA)- Mas eu estava ali aqui... (APONTA O QUARTO DA ESQUERDA) e com este vigarista. (APONTA ALBERTO).
- WILMA - (BATENDO NA TESTA PARA SI MESMA)-Ah! Agora!... (OLHA COM INTERESSE NAPOLEÃO).
- NAPOLEÃO - É. (DEIXANDO A BANDEJA SOBRE UM MÓVEL E LEVANDO AS MÃOS A CABEÇA)-Mas se não era você quem estava ali? (APONTA O QUARTO ONDE ESTAVA COM WILMA)-Quem era então? MEU DEUS! Quem?!... (BATIDAS VIOLENTAS NA PORTA DA ENTRADA . SOBRESALTO GERAL).
- WILMA - Quem será a essa hora?
- ALBERTO - É a polícia...
- AMÉLIA - O meu marido! (CORRE PARA O QUARTO DA ESQUERDA FECHANDO A PORTA. INSISTEM AS BATIDAS).
- NAPOLEÃO - Eu vou ver quem é.
- WILMA - (QUE JÁ APANHOU A BANDEJA MUITO CARINHOSAMENTE)-Mas com muito cuidado Napoleão...Com muito cuidadinho... (BEM INTENCIONAL)-Agora eu vou comer os salgadinhos que estou com uma fome... (NAPOLEÃO ESTATEIA DIANTE DAQUELA MANEIRA DE FALAR E SE ENCAMINHA PARA O QUARTO DA DIREITA).
- NAPOLEÃO - (COMPREENDENDO TUDO)-Ah! (SAI ESFREGANDO AS MÃOS DE ALEGRIA)-Agora!
- WILMA - (ANTES DE ENTRAR NO QUARTO PARA ALBERTO COM MUITO DESPRÉZIO)-Eu devia ter visto logo que não era você, seu palerma. (SAI . ALBERTO APANHA O PALETÓ, VESTE-O, EM SEGUIA VAI A PORTA DO QUARTO DA ESQUERDA BATENDO NA PORTA).
- AMÉLIA - (DO INTERIOR)- Quem é?
- ALBERTO - (MUITO HUMILDE)-A senhora quer ter a bondade de me dar a minha gravata? (UM TEMPO. ABRE A PORTA E APARECE AMÉLIA QUE ATIRA A GRAVATA AO CHÃO QUE É APANHADA POR ALBERTO NA MAIOR HUMILDADE).
- AMÉLIA - Tão moço...tão bonito... (NUM SUSPIRO)-Que desperdício. (SAI).
- ALBERTO - Eu estou precisando ir a uma macumba. (OUVE-SE A VOZ DE NAPOLEÃO E AMÉRICO QUE ENTRAM DISCUTINDO).

- NAPOLLEÃO - Afinal de contas, que juízo o senhor está fazendo dessa casa?
- AMÉRICO - Eu não tenho que lhe dar satisfação. A sua obrigação é me mostrar tôdas as dependências da casa. Por que eu estou com a lei e o direito ao meu lado...
- NAPOLLEÃO - Que lei, que coisa nenhuma. Se o senhor quiser, reviste a casa sozinho que eu tenho mais o que fazer. (SAI PARA O EXTERIOR).
- AMÉRICO - (FURIOSO)-Está vendo os criados de hoje como são, seu Alberto? O que vale é que você está aqui para testemunhar tudo.
- ALBERTO - (POR CONTA)- Não conte comigo para isso, não. Eu vou é sair desta casa o quanto antes, porque já vi muita pouca vergonha.
- AMÉRICO - E não quer testemunhar o que viu?
- ALBERTO - Não, porque sou seu amigo (SAI).
- AMÉRICO - (QUERENDO DETÊ-LO)-Alberto...Alberto...(MAS ESSE JÁ SAIU E ELE RETORNA A CENA NO MOMENTO EM QUE VEM ENTRANDO RAUL ATRÁS COM UMA BANDEJA).
- RAUL - (SURPRESO)-Você de novo aqui?, Américo?
- AMÉRICO - Eu não podia ficar no hotel pensando no que estava acontecendo aqui!
- RAUL - (LARGANDO A BANDEJA NUM MOVEL QUALQUER)-As coisas mais divinas do mundo, seu Américo.
- AMÉRICO - (BAIXO ENTRE DENTES)-Cachorro!(OUTRO TOM)-Já?!!!
- RAUL - Já.(AMÉRICO LEVA AS MÃOS A CABEÇA)-Nunca poderia imaginar que existisse uma mulher assim! Como beija, seu Américo!
- AMÉRICO - (QUASI SEM VOZ)-É...(BAIXO)-Eu mato este desgraçado e depois me suicido.
- RAUL - Se a gente não tomar cuidado a alma sai pela boca.
- AMÉRICO - (A PARTE)- A minha alma é que sai pela boca, já...já...
- RAUL - A princípio me parecia um tanto inexperiente...gestos medrosos...carícias apenas ensaiadas....discretas.... Mas depois, seu Américo.
- AMÉRICO - (QUASI SE TRAINDO)-E você diz isso na minha cara?
- RAUL - Você é meu amigo, tem interêsse em saber...
- AMÉRICO - Vai ver que com o marido ela não é nada disso....
- RAUL - E nem pode ser. É um bestalhão...não sabe apreciar a mulher que tem.
- AMÉRICO - (NUM SALTO)-Foi ela quem disse isso?
- RAUL - Deu a entender. Calcule você que o idiota sóa beija na testa, nos cabelos....
- AMÉRICO - (A PARTE)- Além de me enganar, me calunia.
- RAUL - E não é nada disso que ela quer. É a prova é que ficou alucinada por mim...e me pediu que viesse encontrar-me com ela no dia 23 de cada mês....

- AMÉRICO - (A PARTE)- Daqui a pouco você vai ver o dia 23.....
- RAUL - Eu tenho uma pena de você, Américo.
- AMÉRICO - (SOBRESSALTADO) - Pena de mim, porque?
- RAUL - Por nunca ter encontrado uma mulher assim como eu encontrei.
- AMÉRICO - Mas é muito cínico.....
- RAUL - É uma criatura tão infernal, tão deliciosa, que deixa saudade assim que a gente se separa dela. Eu já estou morrendo de saudades, e a deixei não há cinco minutos. (APANHANDO A BANDEJA) Você não me leve a mal, meu velho...mas eu não posso estar perdendo tempo com você, tendo o paraíso a minha espera. É só hoje. (SAI PARA O QUARTO DO CENTRO FECHANDO A PORTA. AMÉRICO VAI ATÉ A PORTA PROCURANDO OUVIR ALGUMA COISA).
- AMÉRICO - (DEPOIS DE UM TEMPO)-Como os desgraçados falam baixinho. Mas o paraíso vai se transformar num inferno agora mesmo. (VAI A PORTA DE ENTRADA E CHAMANDO COM CUIDADO PARA O INTERIOR)-Pode vir, doutor. (ENTRA PAIVA, 45 ANOS APROXIMADAMENTE).
- PAIVA - Meus auxiliares já cercaram a casa toda para que a sua senhora não possa fugir. Tudo pronto para o flagrante?
- AMÉRICO - Parece...
- PAIVA - Mas veja lá se o senhor não está se precipitando e vai me deixar fazer papel de ridículo. Esta semana eu já fui chamado para 85 flagrantes de adultério e não consegui pegar nenhum. Já estou ficando desmoralizado diante do meu pessoal.
- AMÉRICO - Dessa vez não há possibilidade de erro...Os dois estão naquele quarto. (APONTA PARA O QUARTO DO CENTRO).-É só o senhor bater e terá o flagrante.
- PAIVA - É doloroso ter que fazer uma coisa dessas. Na maioria dos casos a mulher é que é a menos culpada...Tudo acontece por causa de certos maridos que não sabem ser maridos, são uns bestalhões.
- AMÉRICO - Olhe, doutor...ainda agora me chamaram de bestalhão e eu enguli. Mas a segunda vez eu não aguento.
- PAIVA - Com certeza o senhor abandonava a sua mulher...não lhe dava assistência moral...a pobrezinha desarvorou-se e ali está nos braços de um homem que a compreende talvez melhor do que o senhor.
- AMÉRICO - Afinal de contas, o senhor veio para pegar um flagrante ou para me dar lição de moral?
- PAIVA - É que eu já estou calejado dessas situações. Se o senhor fôsse um marido cumpridor dos seus deveres, como eu, estaria livre de viver esse momento que está vivendo. Que dói, dói...
- AMÉRICO - Que doi ninguém discute. Mas que é preciso o flagrante também não se discute.
- PAIVA - Então...mãos à obra...(DIRIGEM-SE OS DOIS PARA O QUARTO DO CENTRO. BATENDO COM AUTORIDADE)-Abram!em nome da lei!
- AMÉRICO - (FURIOSO)-Abram!Abram se não eu boto a porta abaixo!
- PAIVA - Calma, calma...Eu sou a lei.
- AMÉRICO - E eu sou o marido enganado. (BATENDO ENÉRGICAMENTE)-Abram! Abram!(A PORTA SE ABRE, APARECENDO RAUL).

- RAUL - (SURPRESO)-Que barulho é êsse?
- AMÉRICO - (APONTANDO RAUL TREMENDAMENTE ACUSADOR)-Êste é o amante, doutor.(Incisivo)-Onde está Wilma?
- RAUL - Wilma?Você que é o marido não sabe, e eu é que vou saber?
- AMÉRICO - Porque quando o marido não sabe, é sempre o amante que sabe!
- RAUL - O que? Que história de amante é essa?
- AMÉRICO - Pensa que eu não sei que você veio aqui, para se encontrar com Wilma?
- RAUL - (Espantadíssimo)- Hein?!
- AMÉRICO - È isso mesmo. Há muito que eu desconfiava que ela me traía, mas não tinha certeza. Agora tenho a prova.
- RAUL - Você enlouqueceu, Américo?
- PAIVA - Vamos deixar de conversa(A AMÉRICO)-O senhor afirma que sua mulher está neste quarto, não é?
- AMÉRICO - Perfeitamente.
- PAIVA - Então vamos entrar.
- RAUL - (IMPEDINDO A ENTRADA DOS DOIS)-Não se atrevam a dar um passo. Quem tentar entrar neste quarto vai ajustar contas comigo.
- AMÉRICO - Quer maior prova doutor?Não quer que a gente entre para não surpreendermos o flagrante.(PAIVA E AMÉRICO PROCURAM ENTRAR. HÁ UMA PEQUENA LUTA ENTRE ESSES E RAUL, DURANTE A LUTA APARECE SOLANGE).
- SOLANGE - (A PORTA DO QUARTO, MUITO SURPRESA)-Raul.(CESSA A LUTA--A PAIVA E AMÉRICO)-Isso é coisa de cavalheiros?(AMÉRICO FICA ESTATELADO DIANTE DA SEMELHANÇA QUE HÁ ENTRE SOLANGE E ESSA MULHER. INDO A RAUL)-Que aconteceu, querido? Quem são êsses senhores e que querem êles aqui?
- AMÉRICO - (CONSEGUINDO SAIR DO PASMO)-Solange!!!
- SOLANGE - (CORRIGINDO) -Naira Datko, Naira Datko, cavalheiro.
- AMÉRICO - (BOQUIABERTO)-Não é possível...(A RAUL)-Raul, como é que você explica uma coisa dessas? Se essa mulher não é Solange, então Wilma não me engana.
- RAUL - Então Wilma não engana você, porque essa criatura é Naira Datko.
- PAIVA - (JÁ MEIO RESSABIADO)-Afinal, meu amigo, esta senhora aqui é ou não é sua senhora?
- AMÉRICO - Não.
- PAIVA - (BRONQUEADO)-E o senhor me faz bancar o palhaço todo êsse tempo? Eu não lhe avisei que essa semana já tinha 85 fracassos em flagrantes de adultério?
- AMÉRICO - Calma, doutor...Eu tenho certeza que minha mulher está nesta casa. (ASPIRA COMO QUEM SENTE UM CHEIRO).
- RAUL - E vocêa insistir, Américo.
- PAIVA - O senhor é um doente, meu amigo. Tem a mania de ser enganado por sua mulher. Vai ver que ela é digna e o senhor a compromete-la com seus ciúmes infundados. A felicidade do matrimônio está na confiança recíproca, ouviu? Muitas vezes as mulheres são honestas e é a desconfiança dos maridos que as conduz para o caminho do mal.



- RAUL - Então eu, o seu melhor amigo, ia fazer uma coisa dessas com você, Américo?
- PAIVA - Por isso não, porque em geral é com o melhor amigo do marido que elas enganam.
- AMÉRICO - E não se esqueça de que eu vi a carta que ela lhe mandou. Você teve o descaramento de me mostrar, não se lembra? Além do encontro marcado aqui, eu reconheci a letra da carta!
- SOLANGE - (SORRIDENTE)-Como o senhor reconheceu minha letra, se eu nunca escrevi para o senhor?
- AMÉRICO - A senhora também quer me fazer de ingênuo, é?
- RAUL - Américo, veja como fala com essa criatura.
- AMÉRICO - Querer me convencer que aquela carta não foi escrita por Wilma?
- SOLANGE - (SEMPRE SORRINDO)-Como seria delicioso ter você entre meus braços...desmanchar seus cabelos entre meus dedos...
- AMÉRICO - (NUM SALTO)-Ahn?...
- SOLANGE - Fazer sangrar seus lábios com meus beijos desesperados.
- AMÉRICO - Mas essas palavras...
- SOLANGE - Estavam na carta que eu escrevi para Raul...Lembra-se?
- AMÉRICO - (TOMTO)-Realmente...(NÃO SE CONTENDO)-Isso é de enlouquecer, Dr. Paiva.
- PAIVA - De enlouquecer é a sua cretinice. Vamos embora antes que eu perca a paciência e prenda o senhor para não dizer que não prendi ninguém hoje...
- AMÉRICO - Um momento, doutor. (COMEÇA A ASPIRAR FORTEMENTE APÓS UM TEMPO DE ASPIRAÇÃO)-Meu fare nunca me enganou. Eu estou sentindo o cheiro da minha mulher.
- PAIVA - (MAL SE CONTENDO)-Que cheiro, que coisa nenhuma. Vamos embora que já bancamos palhaços demais por hoje.
- AMÉRICO - Não, doutor...minha mulher está aqui.
- SOLANGE - Senhor...vai ver que sua mulherzinha está em casa pensando no senhor, ansiosa que o senhor volte...
- AMÉRICO - Bem se vê que a senhora não conhece minha mulher. Ela nunca pensa em mim. E dou a minha cara a tapa como ela está aqui. (ASPIRA NOVAMENTE)-Doutor, tenha a bondade de me acompanhar... (VAI SAINDO SEMPRE ASPIRANDO).
- PAIVA - Será que eu vou ter que bancar cachorro perdigueiro depois de velho?(QUERENDO DISSUADIR AMÉRICO)-Vamos embora, cavalheiro...
- AMÉRICO - (SEMPRE ASPIRANDO)-O senhor não está sentindo o cheiro de minha mulher?
- PAIVA - Eu lá conheço o cheiro de sua mulher? Não conheço, nem o da minha.
- AMÉRICO - (OBSTINADO)-Venha, doutor...Vamos correr a casa palmo a palmo...(SAI SEMPRE ASPIRANDO).



- PAIVA - Está bem... (ANTES DE SAIR, ASPIRA FORTEMENTE)-Não sinto cheiro nenhum. (SAI ASPIRANDO TAMBÉM-RAUL E SOLANGE NA GARGALHADA).
- SOLANGE - Como os maridos são bôbos, meu Deus.
- RAUL - (ABRAÇANDO-A)-Bôbos e inconvenientes. Atrapalham a vontade dos que se amam, que é tão curta. (QUER LEVÁ-LA PARA O QUARTO).
- SOLANGE - (RESISTINDO, POIS O QUE ELA QUER É SALVAR WILMA)-Enquanto esses b rutos não saírem daqui eu não me sentirei tranqüila, minha vida. Calcule se houver um escândalo... os jornais comentarem... (FINGINDO MUITO MEDO)-Eu sou uma mulher casada, querido... já pensou?
- RAUL - É mesmo. Eu vou dar um jeito deles irem embora logo. (APÓS UM BEIJO SAI PARA O INTERIOR. ASSIM QUE ELE SAI, SOLANGE VOLTA A SUA VERDADEIRA PERSONALIDADE E RÁPIDAMENTE VAI A PORTA DO QUARTO DA ESQUERDA).
- SOLANGE - (A MEDO CHAMANDO)-Wilma... Wilma... (APÓS UMA PAUSA RÁPIDÍSSIMA EM QUE ELA ESTÁ NERVOSÍSSIMA A PORTA SE ABRE E APARECE WILMA TAMBÉM NERVOSA).
- WILMA - (ASSUSTADÍSSIMA)-Que desgraça, Solange. Eu podia pensar tudo, menos que Américo viesse aqui. Mas eu juro a você que estou inocente.
- SOLANGE - O momento não é para desculpar, Wilma. Você precisa é se salvar.
- WILMA - Se eu pudesse fugir...
- SOLANGE - Não é possível, a casa está cercada.
- AMÉRICO - (DO INTERIOR)- O senhor não acha que o cheiro aqui enfraqueceu, doutor?
- PAIVA - Eu já disse que estou gripado, meu amigo. Não sinto cheiro de ninguém.
- AMÉRICO - Na outra sala o cheiro é mais ativo.
- WILMA - Ele vai voltar para aqui, Solange. (VAI CORRENDO PARA O QUARTO DA DIREITA).
- SOLANGE - (DETENDO-A)-Nesse quarto não, Wilma. (LEVANDO-A PARA O QUARTO DO CENTRO)-Aqui.
- WILMA - Mas....
- SOLANGE - Não há perigo, ele pensa que é o meu quarto, não vai revistar. (WILMA SAI PARA O QUARTO NO JUSTO MOMENTO EM QUE VEM ENTRANDO AMÉRICO SEGUIDO DE RAUL E PAIVA. AMÉRICO VEM ASPIRANDO).
- AMÉRICO - Ah!...o cheiro aqui está mais ativo, logo ela deve estar por aqui...
- SOLANGE - (QUERENDO SER NATURAL)-Encontrou sua mulher, cavalheiro?
- AMÉRICO - Não...mas vamos encontrá-la agora... (APONTANDO O QUARTO DA DIREITA)-Ali. (ENCAMINHA-SE PARA ONDE APONTOU, ENQUANTO PAIVA PUXA O REVÓLVER E FICA NA EXPECTATIVA).
- PAIVA - Calma, que ela pode estar acompanhada.



- AMÉRICO - Só pode estar. Eu conheço minha mulher. (NUM REPETIÇÃO ENTRA NO QUARTO).
- PAIVA - (A AMÉRICO QUE APARECE)- Então?
- AMÉRICO - Não está aqui.
- PAIVA - (GUARDANDO O REVÓLVER)-Nem está em parte alguma...Vamos embora e deixa de querer ser o que o senhor absolutamente não é...as mulheres são sempre dignas, meu amigo...sempre boas...Nós é que não prestamos.
- AMÉRICO - (QUASE CONVENCIDO)-Tem razão, doutor...Mas foi muito bom que isso acontecesse, porque assim eu tirei um peso da consciência...Agora estou mais tranquilo porque sei que minha mulher não está aqui...
- PAIVA - Vamos dar o fora, meu amigo...que êsse casalsinho está louco prá ficar só e isso me dá água na boca prá ir junto de minha mulher. Boa noite, meus amigos...e desculpem essa trapalhada...
- RAUL + De nada, doutor...
- AMÉRICO - Você não sabe seu Raul, o que esta noite representou para mim. Saber que minha mulher é honesta é a maior felicidade que eu podia ter. Boa noite, minha senhora.
- SOLANGE - Boa noite, cavalheiro...E vá para junto de sua mulherzinha.
- AMÉRICO - Se eu pudesse, bem que pegaria o primeiro avião.
- PAIVA - (LOUCO PARA IR EMBORA)-Vamos de uma vez, seu Américo.
- AMÉRICO - Vamos, vamos... (OS DOIS VÃO SAINDO, QUANDO SE ACENDE A LUZ DO QUARTO DA ESQUERDA. RÁPIDO E BAIXO)-Um momento, doutor.
- PAIVA - Que foi?!
- AMÉRICO - (APONTANDO O QUARTO DA ESQUERDA)-Há gente naquele quarto.
- PAIVA - Mas será possível?
- AMÉRICO - (INDICANDO O QUARTO DA ESQUERDA)-Aquêle nós não revis-tamos, doutor.
- PAIVA - (INDO A PORTA DA ESQUERDA DEMONSTRANDO IMPACIENCIA)-Está bem, está bem...Vamos revistá-lo.
- AMÉRICO - (INDO A PORTA DO QUARTO, IMPERATIVO)-Seia. Pode sair, minha senhora, que nada lhe acontecerá. (EXPECTATIVA. A PORTA SE ABRE DANDO PASSAGEM A AMÉLIA AINDA COMO APARECEU DA ÚLTIMA VEZ)-Não é minha mulher!...
- PAIVA - (SÓ AGORA RECONHECENDO AMÉLIA NUM GRITO)-Não é sua mulher? Mas é a minha! (CONFUSÃO, GRITOS, CORRERIAS, E O PANO CAI SOBRE O

FINAL DO SEGUNDO ATO.

TERCEIRO ATO

CENA- A MESMA DO PRIMEIRO ATO. A AÇÃO DECORRE TRINTA DIAS DEPOIS DO SEGUNDO ATO-AO SUBIR O PANO, ESTÃO EM CENA AMÉRICO E WILMA:

- AMÉRICO :- (APÓS CONSULTAR O RELÓGIO)-Quasi dez horas e nada do nosso chauffeur aparecer...E eu com hora marcada(O.T.) Essa sua visita a Solange, vai demorar muito, querida?
- WILMA : (MUITO CARINHOSA)-Não sei, meu bem...Não tenho a mínima idéia. Essa chamada urgente de Solange me deixou preocupada, sabe? Pode ser alguma coisa séria.(O.T.)- Você tem muito que fazer, tem?
- AMÉRICO - Tenho...Tenho que passar no escritório da companhia para saber o itinerário da minha próxima viagem.
- WILMA - (QUEIXOSA)-Mas querido!...Você vai viajar novamente?
- AMÉRICO - (CARINHOSÍSSIMO)-O que é que você quer que eu faça, meu bem? Eu hei de terminar meus dias como um judeu errante.
- WILMA - Eu fico tão triste quando você viaja!...(O.T.)-E vai demorar muito?
- AMÉRICO - Os nove meses do costume(WILMA DÁ UM LONGO SUSPIRO)-Porque está suspirando?
- WILMA - Em nove meses pode acontecer tanta coisa, não é querido?(ENTRA FLORA).
- FLORA - Dona Wilma, a patroa pede que a senhora espere um instantinho, que ela não demora.
- WILMA - (SORRINDO)-Será que a Solange está fazendo a toilette para me receber?
- FLORA - Ela está às voltas com a arrumação das malas. E a senhora sabe como ela é meticulosa.
- AMÉRICO - Raul vai viajar?
- FLORA - São as malas dela que ela está arrumando.(APARECE À PORTA NAPOLEÃO, PARDADO DE CHAUFFEUR).
- NAPOLEÃO - (A PORTA)-"Seu" Américo.
- AMÉRICO - Oh, Napoleão! E o automóvel?
- NAPOLEÃO - Está aí na porta à sua disposição. Era um defeito sem importância.(FLORA, MOSTRA LOGO VIVO INTERESSE POR NAPOLEÃO).
- AMÉRICO - Graças a Deus!(O.T.)-Bem, querida, eu vou ao escritório, vejo o que está resolvido, e depois venho spanhar você. Combinado?
- WILMA - Como você quiser, meu amor. Mas não demore, sim? Quando você sai eu fico contando os minutos, querido.
- AMÉRICO - (DERRETIDO)-Você vale ouro!(SACUDINDO-LHE O QUEIXO)-Feliciz do homem que tem uma mulherzinha como você.(BEIJAM-SE)SAINDO)-Não vá morrer de saudade que seu maridinho não vai demorar, ouviu?(SACODE UM BEIJO DA PORTA)-Vamos Napoleão.(SAI.NAPOLEÃO, DEPOIS DA SAIDA DE AMÉRICO, DISCRETAMENTE ENVIA UM BEIJO A WILMA COM AS PONTAS DOS DEDOS. WILMA RETRIBUI DA MESMA FORMA.NAPOLEÃO SAI-Wilma SUSPIRA-FLORA TAMBÉM).

- FLORA - (DEPOIS DO SUSPIRO)-Que maravilha de homem, dona Wilma!
- WILMA - (ESPANTADA)-Quem? Meu marido?
- FLORA - Não... seu chauffeur. Onde é que a senhora arranja esse princípio, dona Wilma? (WILMA TEM UM GESTO DE VISÍVEL DESAGRADO)-Com um chauffeur assim a gente tem vontade de ser automóvel, só para êle pegar, ^{visar} manobrar.
- WILMA - Mas esse princípio tem dona, ouviu?
- FLORA - Eu logo vi que um material dessa classe já tinha sido convocado. Mas que dá água na boca da gente, dá.
- WILMA - (QUERENDO DESCONVERSAR)-Será que Solange vai demorar muito, Flora?
- FLORA - Deve demorar. Dona Solange, quando se trata de arrumação, esquece o mundo. Quando se trata de alguma coisa de seu Raul, então... (GESTO DE ENJÓCO)-Chega a dar enjôo na gente. Eu, homem, não aguentava uma mulher assim, não.
- WILMA - Quer dizer que durante êsse mês que eu tenho viajado... a vida aqui...
- FLORA - Continua a mesma coisa, dona Wilma. Nunca vi casei mais doce em calda do que êsse. meu Deus. É beijinho na testa prá cá... beijinho nos olhos prá lá... beijinho nos cabelos pra esquerda. . beijinho na mão pra direita... Eu não sei como êsses suportem isso, dona Wilma. Porque eu, só de ver, estou até aqui. (GESTO).
- WILMA - (PARA SI)-Curioso!... (PARA FLORA). É, Flora... cada um é feliz a seu modo... êles acham que a felicidade está no doce em calda, que é que se vai fazer? (ENTRA SOLANGE. É A MESMA MULHER DO 1º ATO. MANEIRAS, MODO DE VESTIR? DE FALAR..)
- SOLANGE - (MUITO SUAVE)-Oh, Wilma, desculpe ter feito você esperar... (ABRAÇOS).
- WILMA - Eu não sou se cerimônia, Solange.
- SOLANGE - Eu sei, querida... mas eu hoje abusei um pouquinho de sua paciência. (PARA FLORA). Flora, pode ir fazer a arrumação do quarto.
- FLORA - Sim senhora. (AMEAÇA SAIR).
- SOLANGE - E não se esqueça de dar lustre nos móveis, de limpar bem o espelho...
- FLORA - (CHATEADINHA)- Sim senhora.
- SOLANGE - E tudo isso sem mudar o lugar dos objetos.
- FLORA - (CHEIA)-Está bem, dona Solange... (SAI)-
- SOLANGE - (VERIFICANDO SE OS MÓVEIS ESTÃO REALMENTE LIMPOS)-Essas empregadas... se a gente não estiver sempre em cima... não sai nada em condições. (PASSA O DEDO SOBRE DIVERSOS MÓVEIS).
- WILMA - (DIVERTIDA)-Sempre a mesma Solange!
- SOLANGE - Que é que você quer que eu faça, Wilma? O lar deve ser a única preocupação de uma esposa. E para isso que a gente se casa.

- WILMA - (SORRINDO)- Bem... isso é questão de ponto de vista. (ENTRA RAUL. VEM VESTIDO PARA SAIR).
- RAUL - (A WILMA)- Olá Wilma! Você e Américo tomaram um chá de sumiço.
- WILMA - Estivemos viajando... O Américo foi ao escritório e não deve tardar.
- RAUL - Infelizmente não posso esperar por ele.
- SOLANGE - Você vai sair, querido?
- RAUL - Telefonaram da Companhia, pedindo que eu fôsse lá com urgência.
- SOLANGE - Mas logo hoje que você vai viajar, não fica mais um pouquinho em casa?
- RAUL - Eu não demoro, meu sonho. (BEIJA-A NOS CABELOS. SOLANGE FAZ UM MUCHOCHO DE AMUO)- Não está acreditando, não é? BEIJA-LHE SUAVEMENTE NOS OLHOS)- Está vendo Wilma? A gente habitua mal a mulher:inha da gente, depois não pode sair cinco minutos que ela fica zengadinha.
- SOLANGE - E você acha que eu não tenho razão? Todas as vezes que você sai, cinco minutos que seja, eu tenho a impressão de que vai se encontrar com outra.
- RAUL - Eu??? (O.T.) Está vendo, Wilma?
- WILMA - Ela fala de farta.
- RAUL - Ouviu, querida? Todo mundo sabe que você é a única mulher da minha vida. (BEIJA-LHE A TESTA MUITO SUAVEMENTE). Até já, meu amor. (SAI. SOLANGE O ACOMPANHA ATÉ A PORTA, ONDE FICA COM O OLHAR PERDIDO).
- WILMA - É... você tem razão, Solange. Há mulheres que nasceram exclusivamente para o lar.
- SOLANGE - (A PARTIR DESSE MOMENTO É UMA OUTRA SOLANGE. FAZ A FINEZA POR VÉZES ATÉ COM UMA CERTA CANALHICE)- Mas eu não sou dessas mulheres não.
- WILMA - (ESPANTADÍSSIMA)- Como?
- SOLANGE - É como estou lhe dizendo, Wilma. Ou você pensa que eu acho graça nas suas beijos nos cabelos, na testa, nos olhos... Isso é o mesmo que dar uma areitona a quem está de jejum há um mês.
- WILMA - (SEM COMPREENDER)- Solange!...
- SOLANGE - Há coisas mais detestáveis do que a gente andar com essas roupas horríveis, fechadas até o pescoço e os pulsos, quando a vontade é sair de bikini pelo meio da rua? Bikini de duas peças... de uma peça... até sem peça nenhuma... só bikini?
- WILMA - Solange, eu estou desconhecendo você!
- SOLANGE - Ter que olhar perto do marido e falar... (EXAGERANDO A EXPRESSÃO DE TIMIDEZ)- "Meu amorzinho... meu benzinho..." Isso é pau! Isso enerva! É ainda por cima "Dona" Wilma, ter que aturar calada a hipocrisia com que ele diz! "Você é a única mulher da minha vida". Quando nós sabemos que isso é mentira, nós conhecemos aquela mulher de São Paulo.
- WILMA - Mas Solange, aquela mulher de São Paulo não é você?



- SOLANGE - Eu sei que sou eu, mas êle não sabe, logo, é um semvergonha. Mas a minha vingança é que êle me engana, e eu também o engano.
- WILMA - (CAINDO DAS NUVEENS)-Solange!!!
- SOLANGE - Engano sim, Wilma. Você é minha amiga, eu posso contar. Há um mês, que eu vivo para outro homem. E de tal forma, com tanta intensidade, que chego a ter ódio de Raul...nôjo quando êle se aproxima de mim com aquêles beijinhos inexpressivos, dados com a mesma frieza com que se cola um sêlo...
- WILMA - E êsse outro homem...
- SOLANGE - Êsse outro homem, não. Sabe despertar uma mulher...valoriza as carícias...quando beija arranca a vida da gente pela boca...quando abraça parece que esmaga coração da gente de encontro o peito...foi êsse homem que me revelou a verdadeira alegria de amar...e eu não posso esquecê-lo um minuto. Eu pensei que o amor fôsse aquilo que me oferecia Raul. Beijinho na testa, beijinho nos cabelos, nos olhos, na ponta dos dedos...
- WILMA - Você se sentia tão feliz assim.
- SOLANGE - A água das lagoas também é muito quieta, muito parada.... Mas se alguém atira uma pedra, ela se encrespa, fica cheia de ondas...Quando a pedra atinge o fundo da lagoa, tôda a sujeira sobe à superfície. Atiraram uma pedra na minha Lagoa, Wilma... e agora não há nada que possa limpar a sujeira que subiu. Eu sei a mulher que sou, a mulher que sempre existiu dentro de mim...e vivia conformada porque Raul não atirava pedras. No máximo atirava um carocinho de feijão.(O.T.)- Foi por isso que eu mandei chamar você.
- WILMA - Por isso o que?
- SOLANGE - Eu tenho que me encontrar com êsse homem amanhã. (ESPANTO DE WILMA)-E você não pode me recusar o que eu vou pedir.
- WILMA - (A MÊDO)- Que é que você quer?
- SOLANGE - A chave de sua casa em São Paulo.
- WILMA - Eu não posso fazer uma coisa dessas, Solange.
- SOLANGE - Mas tem que fazer. Você é minha amiga, não pode me deixar mal. Nós já marcamos encontro lá. Se êle chegar e eu não estou...é capaz de nunca mais me procurar. E eu não posso mais viver sem êsse homem.
- WILMA - Mas afinal de contas...quem é êsse homem que deixou você tão perturbada?
- SOLANGE - (CONFIDENCIAL)- É Raul!
- WILMA - (ESPANTADÍSSIMA)-Raul?
- SOLANGE - Sim...Raul, por que todo êsse espanto?
- WILMA - Mas Solange...prá você se encontrar com Raul, precisa ir tão longe? Ele não está sempre aqui ao seu lado, à sua disposição?
- SOLANGE - Porque o Raul de lá, é que me interessa. O daqui é um fracasso. É o Raul de São Paulo!Como essa porcaria daqui se transforma com algumas horas de viagem... Como é deliciosamente semvergonha quando pensa que eu sou Naira Daltro! O Raul de lá é a pedra que atiraram na minha lagoa e remexeu a sujeira que estava no fundo.

- WILMA - Quer dizer que...é com o Raul de lá que você engana o Raul de cá?
- SOLANGE - Mas claro, Wilma. Eu sou uma mulher honesta. Posso contar com a sua amizade?
- WILMA - Bem, se é com Raul que você vai enganar Raul, pode contar com a chave para o seu encontro amanhã.
- SOLANGE -)ABRAÇANDO A GRADECIDÍSSIMA)-Você é a melhor das amigas, Wilma. Como estou ansiosa para cair nos braços desse canalha.
- RAUL - (SURGINDO À PORTA)-Querida...
- WILMA - (BAIXO)-O canalha está aí.
- SOLANGE - (IDEM)-Esse é Raul o marido. O canalha é o de São Paulo. O amante. (À RAUL, AMOROSÍSSIMA À MANEIRA DO PRIMEIRO ATO)-Você voltou tão depressa, querido.
- RAUL - Eu prometi que não demoraria, não prometi? (BEIJO NA TESTA. SOLANGE OLHA PARA WILMA E TEM UM SUSPIRO DE ENFADO)-Por sorte encontrei com o gerente da Companhia que vinha para cá, e me evitou a caminhada de ir até o escritório.
- SOLANGE - Que é que ele queria, meu bem?
- RAUL - Arrume suas malas imediatamente que temos que viajar hoje a noite.
- SOLANGE - (ANSIOSA)-Para São Paulo, querido?
- RAUL - Para Recife.
- SOLANGE - (ESPANTADA)-Querido!!!
- RAUL - Lá, enquanto aguardamos os passaportes, resolverei uns casos da Companhia, e depois, seguiremos para Europa, onde ficaremos um ano.
- SOLANGE - (AINDA MAIS ESPANTADA)-Querido!!!
- RAUL - Já pensou meu amor? Um ano na Europa...juntinhos as vinte e quatro horas ie um dia...
- SOLANGE - (NUM RISO AMARELO)-Ótimo...(CARA DE DESALENTO PARA WILMA QUE POR SUA VEZ ENCOLHE OS OMBROS).
- RAUL - Eu, seu eterno namorado, (VAI EXECUTANDO) cobrindo de beijos seus cabelos, seus olhos, sua linda testinha...
- SOLANGE - (SEM NENHUM ENTUSIASMO)-Que maravilha, querido! Querido! Que maravilhosa!...
- RAUL - Você nunca pensou que teria essa surpresa hoje, não é querida?
- SOLANGE - (QUASI CHORANDO)-Nunca, meu amor...nunca...
- RAUL - E você vai chorar por causa disso amorzinho?
- SOLANGE - É de alegria, ben:inho...é de alegria...
- RAUL - Vamos...enxugue essas lágrimas e vá preparar nossas malas, enquanto seu maridinho vai pôr em ordem alguns documentos para levar para a Europa...(INICIA SAÍDA MAS VOLTA)-Mas antes de nós separarmos por tão longos minutos...(BEIJO NA TESTA, NOS OLHOS E NOS CABELOS)-Agora está mais contente, não está?

- SOLANGE - Muito...
- RAUL - Com licença, Wilma. (SAI. HÁ UM SILENCIO DURANTE O QUAL SOLANGE, DESAJUSTADA ENCARA WILMA QUE MAL CONTEM O RISO).
- SOLANGE - Você ainda acha graça, não é?
- WILMA - Que é que você quer mais? Uma viagem à Europa.
- SOLANGE - Mas ao lado desse Raul! Se ele fosse o Raul de São Paulo, eu ia até para as selvas africanas. (AVANÇANDO-SE)-É ou não é azar? Quando eu encontro a felicidade, eles arranjam uma viagem para a Europa. Você já viu a vida que me espera durante um ano? "Eu, seu eterno namorado, cobrindo de beijos seus cabelos, seus olhos, sua linda testinha"... Já pensou Wilma... Um ano!... Trezentos e sessenta e cinco dias de azeitona... sem poder dar uma fugidinha a São Paulo... (CHORA NO MOMENTO QUE ENTRA AMÉRICO).
- AMÉRICO - (AVANÇANDO)-Demorei muito, querida? (REPARANDO EM SOLANGE)- Que aconteceu, Solange?
- SOLANGE - (DISPARANDO NO CHORO)-É que eu sou uma desgraçada. (SAINDO)- Muito desgraçada! (SAI).
- AMÉRICO - Por que ela está chorando desse jeito?
- WILMA - Por que? Porque vai embarcar hoje com Raul para Recife e de lá para a Europa.
- AMÉRICO - Mas que bobagem, meu Deus!
- WILMA - (FAZ MENÇÃO DE QUE VAI SAIR)-Eu vou lá dentro acalmar a pobrezinha que está inconsolável.
- AMÉRICO - Não é possível, querida. (WILMA PARA)-Eu entrei aqui apenas para apanhar você e irmos embora. É só o tempo de Napoleão por gasolina no carro.
- WILMA - Mas por que tanta pressa querido?
- AMÉRICO - É que vai haver uma assembleia muito importante à qual eu não posso faltar...
- WILMA - Mas eu tenho que me despedir de Solange.
- AMÉRICO - Depois você escreve explicando o que houve. Vamos descer que o Napoleão já deve estar chegando. (VÃO A SAIR QUANDO ENTRA RAUL).
- RAUL - Que é isso? Já vão embora?
- AMÉRICO - Infelizmente eu tenho que comparecer a uma reunião...
- RAUL - Mas eu tenho necessidade de conversar com você antes de minha viagem Américo. (APARECE NAPOLEÃO).
- NAPOLEÃO - (PERFILANDO)-O automóvel está a sua espera, seu Américo.
- AMÉRICO - (Como quem vai se despedir)-Bem, Raul...
- RAUL - (BAIXO E AFLITO)-Fique um pouquinho pelo amor de Deus! Preciso de um grande favor seu.
- AMÉRICO - (CONTRAFRITO)-Está bem... (ALTO A WILMA)-Querida... eu não posso ir agora com você. Tenho um negócio a resolver com o Raul. O Napoleão levará você em casa.
- WILMA - É a assembleia?
- NAPOLEÃO - Quer que venha buscá-lo aqui?

- AMÉRICO - Não é preciso. (A WILMA)-Querida... não se preocupe com a minha demora, porque a assembléia deve ir até altas horas.
- WILMA - (FAZENDO BEICINHO)-Ah, meu bem!...
- AMÉRICO - (DEPOIS DE UM BELJO DE DESPEDIDA)-Mas assim que seu maridinho estiver livre, irá para casa.
- WILMA - E você vai chegar tarde mesmo?
- AMÉRICO - Infelizmente. Aquilo é assembléia pra acabar lá pelas 4 da madrugada.
- WILMA - (NUM SUSPIRO DE QUEM ESTÁ MUITO TRISTE)-Está bom... (ENCAMINHA-SE PARA A SAÍDA. AO CHEGAR JUNTO DE NAPOLEÃO PARA BAIXO A NAPOLEÃO, ENQUANTO RAUL E AMÉRICO CONTRACENAM)-Onde iremos querido? João ou Leblon?
- NAPOLEÃO - (IDEM)-Nem João, nem Leblon. Eu descobri coisa melhor. Vamos. (SAEM).
- RAUL - Eu estou desesperado, seu Américo.
- AMÉRICO - Mas que é que há?
- RAUL - Eu não podia viajar nêsse momento, e tenho que viajar para Recife e depois para Europa.
- AMÉRICO - Mas uma viagem à Europa é sempre um presente, Raul. Ah, se eu pudesse arranjar uma oportunidade dessas. O Brasil não me via tão cedo.
- RAUL - Eu lá quero saber da Europa. Essa viagem foi a maior desgraça que me podia acontecer hoje.
- AMÉRICO - Ora!... Você vai com sua mulherzinha...
- RAUL - E que maior sacrificio do que aturar Solange, durante um ano?
- AMÉRICO - (ESPANTADÍSSIMO)-Raul!
- RAUL - Você é meu amigo, Américo, e eu posso contar. Preciso mesmo desabafar pra não enlouquecer. (CATEGÓRICO)-Eu estou aqui estou me separando de Solange.
- AMÉRICO - (QUASI HORRORIZADO)-Que é que você está me dizendo, Raul?
- RAUL - Eu não aguento mais essa vida medíocre, insípida, que Solange me oferece... A mulher parece um pastel que a gente bota na geladeira para não estragar... Sempre com aquela vozinha irritante: (IMITANDO SOLANGE CARICATURA)-"Meu amorzinho... meu benzinho... Há homem que suporte isso anos seguidos como eu venho suportando (Além de tudo, tenho que beijá-la com respeito... na testa, nos olhos, nos cabelos... que são os únicos beijos que ela admite. Eu estou a ponto de estourar, seu Américo. E agora ter de passar um ano com um sorvete embaixo do braço! É de enlouquecer!
- AMÉRICO - Mas Solange não foi sempre um sorvete?... E você não estava feliz assim?
- RAUL - Até um mês atrás me sentia feliz, suportava essa vida horizontal. Mas depois que conheci aquela mulher em São Paulo...
- AMÉRICO - Você sempre me disse que o segredo da felicidade conjugal, está em a gente se cansar numa aventura e descansar no lar.



RAUL - É, mas depois que eu conheci Naira Datko, não quero saber de descanso. Eu quero é me cansar. (IMPOLGADO) - Que mulher sublime, seu Américo! Como sente os beijos que eu lhe dou... como sabe me enlouquecer com essas delicias. - E eu tenho que partir hoje sem poder me encontrar com ela, como estava combinado. Passei um mês sonhando com esse encontro, desejando esse momento... E, de repente, uma simples viagem põe tudo isso por água abaixo.

AMÉRICO : Paciência, meu velho... Outras Naira Datko surgirão...

RAUL - Não... Só há uma Naira Datko! E essa eu não posso perder.

AMÉRICO - Quando você voltar da Europa, pode procurá-la, explicar o que houve...

RAUL - Procurar como, se eu não sei onde ela vive, onde posso encontrá-la? (DEPOIS DE PASSEAR UM TEMPO AGITADAMENTE, PARANDO DIANTE DE AMÉRICO) - Seu Américo, só há uma solução para o meu caso. Você embarca para São Paulo... vai aquela casa, explica tudo a Naira... e se ela quiser ir para a Europa, você me telegrafia que eu mando a passagem. Longe dela eu enlouqueço.

AMÉRICO - Mas a coisa é tão grave assim?

RAUL - Gravíssima.

AMÉRICO - Mas a Solange, coitada...

RAUL - A sorte de Solange já está decidida: abandonada ou assassinada.

AMÉRICO - Raul!

RAUL - É isso mesmo. Se Naira Datko quiser vir para mim, eu abandono Solange. Se Naira não quiser vir, eu mato Solange, porque não posso viver mais com ela depois que conheci a outra. Portanto, Américo, se você não quer ver a minha desgraça, faça o que eu lhe pedi. Vá a São Paulo e fale com ela.

AMÉRICO - Eu sinto muito Raul, mas não posso fazer o que você me pede. Wilma poderia descobrir que eu fui a São Paulo... não aceitar minhas explicações a respeito dessa mulher... e no fim, em vez de uma infeliz, seriam dois. Eu e Wilma estamos vivendo tão bem agora. Você sabe quanto me custou essa felicidade, Raul. Eu vivia perseguido pelo fantasma da desconfiança... Não tinha tranquilidade suspeitando que Wilma me enganava. Um dia resolvi por tudo em pratos limpos. Enchi-me de coragem e fui a ela: "Você me engana Wilma?" E ela respondeu com toda dignidade: "Não!"... Depois desse "não" eu não tinha mais razões para desconfiar, é ou não é?

RAUL - O que está em discussão, Américo, não é a sua felicidade, é a minha.

- AMÉRICO - Eu estou mostrando a você como se pode ser feliz. Então depois que eu contratei Napoleão como chauffeur, tenho dormido absolutamente tranquilo. É um grande sujeito sabe? Que dedicação, que fidelidade! Wilma não dá um passo que ele não venha me contar. Aliás, ela só sai de automóvel com ele. Ele a leva para grandes passeios... Fazem excursões... O que eu sei é que depois que Napoleão entrou para nosso serviço, a paz reinou lá em casa. Eu estou tranquilo... ela está calma, que nem lembra a Wilma agitada que todos conheciamos... Você vê que eu não posso me arriscar a perturbar essa felicidade, não é?
- RAUL - Quer dizer que você não quer me ajudar, não é?
- AMÉRICO - Não posso, meu velho. Você criou seu problema, você que resolve.
- RAUL - (CHATEADO)- Está bem... Mas amanhã quando eu estiver atrás das grades de uma cadeia por ter assassinado Solange, pode sentir remorsos à vontade, porque eu só cometi esse crime por você não querer me ajudar.
- AMÉRICO - (RINDO)- Está bem, Raul... Mas não esqueça de me avisar o dia e a hora do crime... pra eu bater uns instantâneos.
- RAUL - Você está levando na brincadeira, não é?
- AMÉRICO - Na Europa você esquecerá tudo isso... Boa viagem, meu velho... e não deixe de escrever para os amigos, sim? (ESTENDE-LHE A MÃO).
- RAUL - Prá amigos ursoos como você a gente não escreve... (DANDO UM TAPA NA MÃO DE AMÉRICO)-E tira essa porcaria da minha frente. (AMÉRICO SAI RINDO. COMEÇA A PASSEAR IMPACIENTE PELA CENA. ACENDE UM CIGARRO)-Tanta gente na Companhia prá viajar e vão se lembrar logo de mim. (CAMPAINHA DO TELEFONE TOCA. SAI PARA ATENDER. CENA VAZIA, UM INSTANTE DEPOIS A VOZ DE RAUL ATENDENDO AO TELEFONE)-Alô...sim, sou eu...Ah, Júlio, que é que você quer?... Como?... (NA PAUSA PARA OUVIR, ENTRA SOLANGE VIVENDO O PAPEL DE NAIRA DATKO, VESTIDO COLANTE QUE LHE REALÇA TODAS AS FORMAS... DECOTE EXAGERADO, INSINUANDO A MARAVILHA DO BUSTO, MANEIRAS PROVOCANTES E DESENVOLTAS... ENTRA COMO QUEM ESTÁ DOMINANDO A CENA, ACENDE UM CIGARRO, SENTA-SE CRUZANDO AS PERNAS ESCANDALOSAMENTE E FICA POLHEANDO UMA REVISTA, E TUDO ISSO É FEITO DURANTE O TELEFONEMA)-Sim, já botei todos os papéis em ordem... Aliás, não era muita coisa...Ahn?...É verdade! Esse documento eu tinha esquecido de botar entre os outros. Logo esse, que é o mais importante...Sim, compreendi...pode ficar sossegado, Júlio, que eu saberei me desobrigar da melhor maneira possível...Claro...Assim que chegar a Recife eu telegrafo para você...Está certo...Outro pra voce e para o pessoal todo aí. (OUVE-SE O DESLIGAR DO TELEFONE. UMA PAUSA. ENTRA TRAZENDO UNS PAPÉIS NA MÃO. NÃO PERCEBE QUE TEM DIANTE DE SI NAIRA DATKO E PASSA NATURALMENTE DIZENDO:)-Eu vou abrir a mala para botar uns papéis, ouviuSolange?
- SOLANGE - (LEVANTA-SE MUITO PROVOCANTE, COM O SOTAQUE DO SEGUNDO ATO)- Que malas querido?(UMA FAISCA ALÉTRICA QUE CAISSE AOS PÉS DE RAUL, NÃO PRODUZIRIA O EFEITO QUE PROVOCOU ESSA PERGUNTA. ESTACA, FICANDO TOTALMENTE IMOBILIZADO. UM TEMPO DEPOIS, VAI-SE VIRANDO LENTAMENTE, AO CONSTATAR QUE É REALMENTE NAIRA DATKO QUE ESTÁ DIANTE DELE, LEVA TAL CHOQUE QUE SUA VOZ SAI NUM SOPRO).

- RAUL - (NUM SOPRO)- Naira!... (MAIS FORTE)- Naira!...
- SOLANGE - Querido!...
- RAUL - (SEU PRIMEIRO INSTINTO É ATIRAR-SE NOS BRAÇOS DELA. MAS EM MEIO, RECORDA-SE ONDE ESTÁ E CAI EM PÂNICO)- Que é que você está fazendo aqui Naira?!...
- SOLANGE - Vim matar saudades, querido...
- RAUL - (SEMPRE APAVORADO)- Mas na minha casa?... Você não sabe que eu sou casado?
- SOLANGE - Eu também sou casada...
- RAUL - Mas eu nunca fui à sua casa... Não vê que isso pode trazer complicações para mim? Se minha mulher entra de um momento para outro... Vê você aqui... quer saber quem é você...
- SOLANGE - E você não teria coragem de dizer a verdade... De me pegar pelo braço e falar para ela: "Minha senhora, essa é a mulher que eu amo... a mulher que me fez conhecer o verdadeiro amor."
- RAUL - Você está louca, Naira?!
- SOLANGE - Você não gosta de mim? Tudo aquilo em São Paulo era mentira?
- RAUL - Não... Eu tenho loucura por você... passei o pior mês de minha vida esperando o momento de nosso encontro... Mas compreende... eu não posso fazer o que você pretende assim... precipitadamente... Solange não merece uma coisa dessas....
- SOLANGE - E eu mereço?
- RAUL - Não, mas compreenda...
- SOLANGE - No entanto, você está me botando para fora... Eu vim aqui pensando que você ia me receber de braços abertos... No caminho, eu dizia para mim mesma: "Ele deve estar ansioso para me ver... Quando eu entrar, me tomará em seus braços... me matará sufocada com seus beijos... me esmagará o coração com seus abraços... me deixará maluca com suas carícias... E você me recebe falando de sua mulher... dizendo que não devia ter vindo aqui... (EXALTANDO-SE UM POUCO, DANDO A IMPRESSÃO DE QUE ESTÁ DISPOSTA A FAZER ESCÂNDALO)- Eu, por acaso, pensei em meu marido quando resolvi vir falar com você?
- RAUL - (APAVERADO)- Fale baixo, pelo amor de Deus!
- SOLANGE - (MAIS FORTE)- Fale baixo por que? Por acaso o nosso amor é um crime, que precisa viver escondido?
- RAUL - Minha nossa senhora!
- SOLANGE - Você mesmo não disse em São Paulo que um amor tão lindo como o nosso devia viver à lua do sol, enfrentando o olhar, a inveja de todos os homens?
- RAUL - Naira, você acaba chamando e atenção de minha mulher!
- SOLANGE - (INDO À PORTA QUE DÁ PARA O INTERIOR, EMBORA RAUL TENHA TENTADO INUTILMENTE IMPEDIR SEUS PASSOS)- É que me importa sua mulher? Quer que eu diga a ela que nos amamos? Que passamos momentos deliciosos em São Paulo?



- RAUL - (DÁ PENA, COITADO)- Pelo amor de seus filhinhos, Naira! (PARA SI)-Isso não é mulher, é uma bomba! CAI DESOLADO SOBRE UMA POLTRONA. SOLANGE DIANTE DO ABATIMENTO DE RAUL, SE ENTRISTECE, É CLARO QUE É TUDO FINGIDO, E VEM DESCENDO LENTAMENTE).
- SOLANGE - (FAZENDO UM BRUTO DRAMA)-Não precisa se desesperar, querido... (PASSA A MÃO NA CABEÇA DE RAUL).
- RAUL - (ESTREMECENDO)-Fale de longe, Naira...
- SOLANGE - Agora compreendo como fui imbecil!...Acreditava que você fosse capaz de trocar sua esposa por mim...acreditava representar alguma coisa em sua vida...merecer qualquer sacrifício...
- RAUL - E representa, Naira...merece tudo...Mas não aqui!...
- SOLANGE - (COMEÇANDO A CHORAR)-Você ama sua esposa?...
- RAUL - Não, Naira...eu amo você... (SOLANGE COMEÇA A FINGIR QUE ESTÁ PASSANDO MAL)-Que é que você tem Naira?
- SOLANGE - Eu não posso chorar que me falta a respiração.... (OFEGA MUITO).
- RAUL - (APROXIMA-SE DELA)-Que é que você está sentindo, querida?
- SOLANGE - (NUM REPELÃO, EXALTADA)-Não se aproxime de mim! Você é indigno de me tocar!
- RAUL - Mas, Naira...
- SOLANGE - (POSSESSA)-Não sei onde eu estava com a cabeça, quando me apaixonei por você! Um covarde! (FAZ UM GESTO COM A MÃO PARA QUE ELA FALE BAIXO)-Um covarde, sim, que tem medo de receber a amante em sua casa por causa de uma bobagem como a esposa!
- RAUL - (INDO A ELA)-Mas Naira, você acha que a esposa da gente é uma bobagem?
- SOLANGE - Não dê mais um passo que eu grito. Quer ver?
- RAUL - (INSISTINDO)-Mas compreenda...
- SOLANGE - (GRITANDO E BATENDO OS PÉS)-Miserável! Afaste-se canalha!
- RAUL - Estou perdido! Se não vier a mulher vem a empregada!
- SOLANGE - (ESPULANDO DE RAIVA)-Eu tenho ódio de você! Em São Paulo eu tive a impressão de que você era um homem. Mas agora....
- RAUL - Continuo sendo, Naira.
- SOLANGE - Não! Falta qualquer coisa em você! Falta aquele amor... Aquêlê desejo...aquela sedução da experiência...Você é um miserável, Raul! (HISTERICA)-Um cachorro! Um patife!
- RAUL - (NO AUGE DA AFLIÇÃO SE AJOEJHA, SUPLICE)-Pelo amor de Deus, Naira! Diga tôdas as ofensas que você quiser..... mas em voz baixa! (FICA DE MÃOS POSTAS).
- SOLANGE - (PARA A EMBALAGEM DE ÓDIO EM QUE VINHA. FICA FITANDO-O UM TEMPO, COM ABSOLUTO DESPREZO, E, DEPOIS DE UM GESTO QUE SUGIRA UMA CUSPARADA DE NOJO...)-Pode se levantar. É ridículo um homem de joelhos quando não é para dizer palavras de amor. (RAUL LEVANTA-SE SEM JEITO)-Eu vou embora...tinha vindo aqui para me despedir de você.



- RAUL - Despedir-se de mim?
- SOLANGE - Sim...Eu embarco amanhã com meu marido para a Europa.
- RAUL - (ESQUECEU O FAVOR DE QUE ESTAVA POSSUÍDO, CONTEnte)-
Você também vai para a Europa?
- SOLANGE - (TRISTE)-Meu marido foi designado pelo governo para uma
missão importantíssima. E o cretino faz questão que eu
o acompanhe.
- RAUL - Não chame um homem desses de cretino! Seu marido é uma
maravilha!
- SOLANGE - Por que? Porque me afasta de você?
- RAUL - Não querida. Porque me aproxima de você. Eu embarco hoje
à noite para Recife e de lá seguirei para a Europa.
- SOLANGE - E ia sem se despedir de mim, não é?
- RAUL - Eu estava desesperado por causa disso. Pensando que você
ia ficar naquela casa à minha espera...Torturado por sa-
ber que ia ficar um ano sem os seus beijos...sem as suas
carícias. Agora, não, querida...Temos um ano à nossa dis-
posição..
- SOLANGE - Mas sua mulher não atrapalhará nossa aproximação?...Ela
quererá conhecer os países onde vai passear...
- RAUL - Mas isso é fácil de resolver. Eu me faço amigo de seu
marido...você se torna amiga de minha mulher...
- SOLANGE - (A PARTE, COM SOTAQUE NORMAL)-Ah, cachorro!...
- RAUL - E assim estaremos sempre juntos...Mesmo quando estivermos
isolados, estaremos nos beijando de longe...com os olhos.
- SOLANGE - Eu e sua mulher nunca poderemos estar juntas querido.
- RAUL - Por que?
- SOLANGE - Porque....porque tenho inveja dela.
- RAUL - Mas inveja por que, meu bem, se você é a mulher que eu
amo? Ela nunca recebeu de mim os beijos que eu dei a vo-
cê...e nem receberá nunca.
- SOLANGE - (COMEÇANDO A ENVOLVER-LO)-Tenho inveja porque ela está
sempre ao seu lado...porque ela é dona de todas as suas
horas...de todos os seus momentos...
- RAUL - (TIRANDO O CORPO FORA)- Cuidado, Naira...Minha mulher po-
de entrar aí. Na Europa nós resolveremos tudo isso....
- SOLANGE - (CADA VEZ MAIS PROVOCANTE E SEMPRE CHEGANDO PARA ELE,
QUE SE ESQUIVA)- A Europa é muito grande, querido...Não
sabemos quando poderemos ficar sozinhos...quando nos en-
contraremos. Por que não aproveitar esse momento?
- RAUL - Tudo isso está certo, Naira...mas aqui não...minha mu-
lher...

- SOLANGE - Esqueça sua mulher...esqueça que essa é uma casa...esqueça compromissos... as conveniências...Lembre-se apenas que estamos frente a frente...um homem e uma mulher que se amam, que se desejam...(CRESCENDO PARA ELA)-São dois lábios se procurando...dois braços se reclamando um do outro...dois desejos que se esperam durante um mês...(SEGURA-O)-Não fuja de mim, Raul...(RAUL SE ESQUIVA. ELA TORNA A AGARRÁ-LO, OFERECENDO A BOCA)-Você tem coragem de recusar essa boca que você beijou como um louco em São Paulo?(OFERECENDO A BOCA MAIS ATREVIDAMENTE AINDA)-Você é capaz de resistir?(RAUL VIRA O ROSTO)-Não desvie os olhos dos meus lábios...Veja que eles são os mesmos... e tem os mesmos beijos para os seus lábios. Você tem forças para resistir?
- RAUL - (PERDENDO POR COMPLETO O CONTROLE)-Não, Naira!Você me enlouquece!Que vá tudo para o inferno, porque eu quero é você!(E AGARRA A CABEÇA DE NAIRA COMPLETAMENTE DESVAIRADO. MAS É TAL O SEU IMPETO, QUE ARRANCA A CABELEIRA POSTIÇA QUE SOLANGE TRÁS PARA FINGIR QUE É NAIRA, NUM GRITO DE HORROR, PENSANDO QUE NAIRA USASSE CABELEIRA POSTIÇA)-Naira!
- SOLANGE - (FALANDO AO NATURAL, CANDIDAMENTE)-Que foi meu amorzinho?
- RAUL - (SÓ AGORA LEVANTANDO OS OLHOS E RECONHECENDO SOLANGE ABOBALHADO)-Solange!...(A CABELEIRA CAI PRA UM LADO E ELE PRA OUTRO SOBRE UMA POLTRONA).
- SOLANGE - Está sentindo alguma coisa, meu bem?
- RAUL - Eu acho que vou enlouquecer antes do tempo.
- SOLANGE - (FALANDO COMO NAIRA)-Enlouquecer porque, Querido? Não vamos nos encontrar na Europa?
- RAUL - (COM FÚRIA)-Naira!(CORRIGINDO)-Oh, diabo...Solange...que significa tudo isso?(QUASI CHORANDO)-Como é que você descobriu a existência de Naira na minha vida para me aparecer como se fôsse ela?
- SOLANGE - (MUITO PURINHA)- Tudo que se faz, se sabe, meu bem...
- RAUL - Eu juro a você que foi uma loucura...um momento de fraqueza...Mas agora na Europa, sempre juntinhos...eu a esquecerei e tornaremos a ser felizes...Não é?
- SOLANGE - (COMO NAIRA)-Mas não combinamos que nos encontraríamos na Europa? Você me apresentaria a sua esposa.(COMO SOLANGE, COI! RAIVA)-Cachorro!
- RAUL - Pelo amor de Deus, para com essa brincadeira. Eu quero é que você me perdoe, Solange! Juro que nunca mais procurarei nos braços de outra mulher, o amor que tenho em casa.
- SOLANGE - Jura mesmo?
- RAUL - Faço todos os juramentos que você quiser...contanto que me perdoe.
- SOLANGE - (COMO NAIRA)-E se Naira Datko insistisse?(OFERECENDO OS LÁBIOS COMO ANTES)-Você seria capaz de resistir a essa boca que beijou como um louco em São Paulo?(BEL VAMP)-Seria capaz de resistir?



- RAUL - Seria, Solange! Trocaria êsse beijo alucinante por um beijo puro e terno como você merece. (E SE DIS PÔE A BEIJÁ-LA NA TESTA).
- SOLANGE - Não! Na testa nunca mais! Eu quero um beijo assim! (GADUNHA UM BEIJO A JÁ NAIRA).
- RAUL - (ESPANTADÍSSIMO DEPOIS DO BEIJO)-Solange!
- SOLANGE - Agora eu não fui Solange, querido...Fui Naira...fui aquela mulher que você encontrou em São Paulo há um mês.... e que amou como nunca teve coragem de me amar...
- RAUL - Solange...
- AGORA - Agora eu beijei como aquela mulher com quem você ia se encontrar amanhã em São Paulo...(COMO NAIRA)-Todos os dias 23 nos encontraremos aqui para reviver êsses momentos deliciosos...(COMO SOLANGE)-lembra-se dessas palavras, meu amorzinho?
- RAUL - (COMPREENDENDO TUDO)-Era você, Solange? Era você Naira Datko?
- SOLANGE - Sim, querido...Tive de ser Naira Datko, por compreender que só como Solange não era bastante para prender você...Tive que ser também Naira Datko para voce saber que não precisaria buscar fora de casa, outra espécie de beijos quando cansasse de meus beijos na testa.(CANALHINHA)-Você me perdoa, querido?
- RAUL - (FAZENDO POSE)-Com uma condição.
- SOLANGE - Tôdas as condições que você quiser. Contanto que me perdoe.
- RAUL - Vamos matar Naira Datko...
- SOLANGE - Não, querido.(SEMPRE CANALHINHA)-O papel de Naira Datko é tão gostoso!...
- RAUL - Está bem...Então você será Solange e Naira Datko ao mesmo tempo...mas com expedientes separados. Durante o dia será Solange...a esposa terna, suave, que a gente beija nos olhos, nos cabelos...(VAI EXECUTANDO O QUE ESTÁ DIZENDO)-Durante a noite...
- SOLANGE - (DETENDO-O E CONSULTANDO O RELÓGIO DE PULSO)-Querido... são 7 horas. A noite já começou...(COMO NAIRA)- E não é nos olhos que se beija uma mulher como Naira Datko.(INICIAM UM LONGO BEIJO ENQUANTO O PANO VAI CAINDO SOBRE O)

FIM DO 3º E ÚLTIMO ATO.

TEATRO DE ARENA - 226-0242

Av. Deodoro de Azevedo, 835 - CEP 90010